

RESSIGNIFICAÇÃO DE CICATRIZES



Karla Quint



RESSIGNIFICAÇÃO DE CICATRIZES

Karla Quint

Trabalho de Conclusão de Curso
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Jornalismo 2019.2

Orientador

Prof. Samuel Pantoja Lima

Texto e Edição

Karla Gabriela Quint

Revisão

Karla Gabriela Quint

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Eliza Böger Roveda

Este livro é dedicado às mulheres que confiaram
suas histórias a mim e deram vida a cada linha escrita.

SUMÁRIO

Agradecimentos	09
Prefácio	11
A descoberta	15
E a minha família?	43
Encarando a Cirurgia	63
O tratamento e suas reações	83
Um sonho tatuado	99
Epílogo	113

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que ouviu minhas angústias, deu-me apoio e acreditou que este trabalho daria certo. À minha família, que confia na minha capacidade e me apoia. Aos amigos, pela paciência, longas conversas e conselhos.

Ao meu orientador e amigo, Samuel Pantoja Lima, que sempre olhou para o tema com sensibilidade, confiou no meu trabalho e me fez acreditar que eu tinha capacidade para realizar este livro-reportagem. Aos meus professores, pelos ensinamentos durante a trajetória no curso de Jornalismo UFSC.

A todos os entrevistados. Em especial, às mulheres que confiaram suas histórias mais íntimas a mim e deram vida a cada linha escrita. Este trabalho é feito por elas e para elas.

O câncer de mama é o que mais mata mulheres e o mais comum entre elas no Brasil e no mundo. As mulheres entrevistadas neste livro-reportagem são mulheres cisgêneros (que se identificam com o gênero biológico). Mas, é importante ressaltar que o câncer de mama também acomete homens cisgêneros, mesmo que raro, representando cerca de um por cento do total dos diagnósticos, e também pessoas transexuais e transgêneros.

Ressignificação de cicatrizes foi um mergulho em histórias íntimas de pessoas comuns. Há um ano me propus ao aprofundamento deste tema e é com ele que espero instigar uma reflexão sobre a vida e sobre o câncer de mama a partir das experiências das entrevistadas.

É preciso treinar a escuta para contar com sensibilidade a história de mulheres que passaram por uma doença como esta e, conseqüentemente a cirurgia de retirada da mama. Quando necessária, a mastectomia é um procedimento que mexe com o corpo e o psicológico, responsável pela cicatriz que, em muitas ocasiões, faz lembrar todo o processo da doença.

Diversas vezes travei o desenvolvimento da escrita com medo de falhar e não contar com fidelidade as histórias que me foram confiadas. A criação deste livro-reportagem foi uma trajetória intensa, repleta de medos e incertezas, e também o momento em que eu pude exercitar o olhar humanizado enquanto jornalista. Mas, tratou-se principalmente de emoções afloradas com as histórias que ouvi e a alegria de vê

-las renascem, em si mesmas, a partir do desejo pela vida.

Espero, com este livro, acrescentar e promover reflexão acerca de outros materiais jornalísticos sobre mulheres que passaram pelo câncer de mama e o processo da mastectomia. As reportagens encontradas sobre a reconstrução da aréola e do mamilo com tatuagem ou micropigmentação, apenas tocavam a superfície do assunto. Elas são as protagonistas da história, e é por esse motivo que desejo ter qualificado o texto ao demonstrar a realidade das personagens e do enfrentamento da doença, cada uma com a sua particularidade.

Quis ouvir o que essas mulheres têm e tinham para contar sobre as suas vidas e sobre o câncer de mama. Portanto, *Ressignificação de cicatrizes* é o espaço de fala delas. É com carinho que desejo que as histórias contadas aqui, a partir de dados e relatos, contribuam para a reflexão acerca do tema e tenham algum impacto na vida dos leitores, pessoas que passaram pela doença do câncer de mama, amigos, familiares e, principalmente, de todas as pessoas que estiveram dispostas a conversar comigo para a concretização deste trabalho.

Estive e sempre estarei conectada com este livro. Não há jornalismo isento quando se trata de vidas. Não sei até que ponto deveria ter me distanciado de todas as histórias que ouvi, mas hoje elas fazem parte da minha vida. Meu olhar possui uma bagagem e coloquei em primeiro lugar a minha sensibilidade, para retratar as histórias com a mais

pura fidedignidade.

Além das entrevistas gravadas, anotei todos os detalhes possíveis na minha memória, e, quando chegava em casa, ia colocando cada letra no papel em branco, descrevendo os gestos enraizados nas personalidades de cada fonte. Me interessei profundamente por todas as histórias, quis anotar cada movimento. Este livro-reportagem foi enriquecedor para aprender enquanto ser humano e jornalista.

O livro é organizado em capítulos por ordem cronológica dos acontecimentos e conta sobre a vida de quatro mulheres que realizaram a cirurgia do câncer de mama e optaram pela reconstrução da aréola e do mamilo com tatuagem ou micropigmentação, uma que gostaria de ter realizado o procedimento e ainda não teve oportunidade, e outra que não optou por nenhum procedimento. As histórias contadas aqui se entrelaçam, de alguma forma, durante o percurso da narrativa e os dados trazidos são do Instituto Nacional do Câncer (Inca).

Ressignificação de cicatrizes, conta, sobretudo, como elas lidaram com o processo da doença, para que as pessoas conheçam os desafios por elas enfrentados. Estas histórias não são sobre um ponto final, mas sobre renascer em si, resgatar a aparência dos seios e ressignificar as cicatrizes deixadas pelo câncer de mama.

Boa leitura!

A DESCOBERTA

O câncer de mama é o que mais mata mulheres cisgêneros e o mais comum entre elas no Brasil, e no mundo. No país, esse percentual é de 29,5% por ano, o que corresponde a 59,7 mil novos casos de câncer de mama, de acordo com dados do Instituto Nacional de Câncer (Inca, 2018). O tratamento desse câncer depende da fase em que a doença se encontra e é diagnosticada, estadiamento, e do tipo do tumor. Entre os tratamentos estão a cirurgia, radioterapia, quimioterapia, hormonioterapia e terapia biológica (terapia alvo).

Rosângela

Rosângela, a Rô, como gosta de ser chamada, hoje tem 63 anos e descobriu o câncer de mama quando estava perto de completar 47.

— Eu digo que é um presente. De quatro irmãs, eu fui a escolhida.

Passou o seu aniversário ansiosa com os exames, mas festeira do jeito que é, essa data não poderia passar em branco. Teve direito à comemoração. E por que não teria? Ninguém ainda tinha certeza sobre o que viria pela frente.

Era manhã de um dia ensolarado e quente de setembro quando subimos as escadas da casa dela, onde surpreendentemente batia um vento forte. Bom para mim, que já havia subido um certo morrinho da rua que me levaria até o seu

encontro. Ela me recebeu com um sorriso largo. Primeiro, passamos pelo seu marido, que estava trabalhando no andar de baixo. O som ambiente era dominado pelos galos e passarinhos, numa furiosa sinfonia.

Subimos algumas escadas e sentamos em volta de uma mesa de madeira - que ficava em frente à churrasqueira - onde caberiam cerca de doze pessoas, a típica mesa usada em festas de família. Eu num dos bancos compridos, e ela numa cadeira que puxou para sentar junto a mim. Nesse momento Rô coloca as duas mãos em cima da mesa.

— Eu digo que é um presente, porque eu trabalhava no Hospital Universitário (HU) como cozinheira, e aproveitei para fazer meus exames nas férias, que foi quando descobri a doença.

A mulher sentada à minha frente, de olhos verdes e cabelos castanhos curtos, é forte. Mas ficou assustada quando tocou o seu próprio seio e sentiu um caroço. E mesmo o seu trabalho sendo o preparo de refeições dentro do HU, conseguiu ter acesso ao laudo do seu exame antes mesmo da data prevista. O Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago (HU), fica localizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no bairro Trindade, em Florianópolis. Ele foi fundado em 1980 e atende exclusivamente usuários do Sistema Único de Saúde, o SUS.

— Quando li que tinha um nódulo, logo pensei, pronto... Era só o que me faltava!

Naquele momento estremeceu, já previa que estava com a

doença do câncer de mama, mas não deixou que as lágrimas travassem sua garganta e tomassem conta das suas bochechas rosadas e dos seus belíssimos olhos claros. Poderia ser outra coisa, pensou ela. Afinal, sempre há esperança de que possa ser outra coisa. Mas, com Rô não foi outra coisa, era mesmo o temido câncer de mama.

– Células são violentas.

Foi a primeira coisa que ouviu no dia da biópsia. Essas foram as palavras proferidas pela médica que realizou a biópsia - com agulha fina - para o colega que estava junto na sala. Da maneira mais insensível Rosângela descobriu que estava com a doença do câncer de mama.

– Aquela notícia veio muito fria, ela poderia me falar numa sala, ou ter feito algum sinal para o colega, porque ela estava atrás de mim e eu não enxergaria.

Rô sempre fez o acompanhamento de seus exames, o famoso check-up médico, mas descobriu um carcinoma invasivo que se espalhava muito rápido. Assim como as palavras que saíram da boca da médica no dia da biópsia, o câncer era forte e violento.

A doença, em sua fase inicial, pode ser percebida por sintomas como um nódulo, fixo e indolor, pele da mama avermelhada, alterações no bico do peito, pequenos nódulos nas axilas ou pescoço e saída espontânea de líquido anormal pelos mamilos. Por isso, é recomendado que todas as mulheres, independentemente da idade, sejam estimuladas a conhecer seu corpo para saber o que é e o que não é

normal em suas mamas.

– Eu digo que não é só você colocar um cor-de-rosa, você tem que entender o que é o cor-de-rosa. O cor-de-rosa precisa vir para sinalizar alguma coisa. Quem enfatizou isso foi Lilian Martinho, Terapeuta Ocupacional do Centro de Pesquisas Oncológicas (Cepon), e que atende mulheres que tiveram o câncer de mama. O Outubro Rosa, campanha de conscientização anual, serve justamente para alertar as mulheres sobre a importância da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de mama. No mês em que praças, frentes de instituições e empresas são enfeitados pela cor, fala-se sobre autocuidado, observação do corpo e conscientização da doença.

Lilian acredita que não pode acontecer o acesso ao tratamento apenas num estágio avançado.

– Não pode demorar tanto entre a atenção básica para chegar na complexidade. Precisamos identificar a doença num estadiamento mais tranquilo, para ter o que fazer, para ter o tratamento. Por isso, o trabalho de conscientização.

O Ministério da Saúde recomenda que a mamografia de rastreamento seja ofertada para mulheres entre 50 e 69 anos, a cada dois anos. A recomendação brasileira segue a orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de países que adotam o rastreamento mamográfico. A mamografia é o exame capaz de identificar alterações suspeitas de câncer antes do surgimento dos sintomas e também é realizado com a finalidade de identificação de alterações suspeitas da

mama. O SUS oferece exame de mamografia para todas as idades, conforme indicação médica.

Rô descobriu a doença antes dos 50 anos. Mas em sua vida, o câncer não é novidade. Numa família de quatro filhas, quando tinha 14 anos, ela - a filha mais velha - já sofria com a doença ao cuidar da mãe que faleceu de câncer de mama. Naquela época, a sua genitora possuía um nódulo, mas por falta de informação, acreditava que não era nada.

– Antigamente não se tinha muito esse cuidado, sabe?.

A mãe somente realizou o tratamento, com quimioterapia e radioterapia, quando a doença estava muito avançada. A família morava em São Paulo, mas pegou a estrada rumo a Curitiba, no Paraná, para receber apoio da família do pai. Mesmo assim, Rô não saiu de perto dela.

– Tenho tudo aquilo na minha mente. Eu acho que não entendia a gravidade da doença direito, mas brigava muito com os médicos dizendo que ela não ia morrer. Um dia entrei na sala e disse brava: “É mentira de vocês, a minha mãe não vai morrer!” E na verdade, ela já estava entrando em coma.

Hoje acredita que as pessoas alertam mais sobre o câncer de mama, mas que antigamente não existia tanta informação. Rô tem um casal de filhos: ela com 33 anos e ele com 31 - a ultrassonografia está inserida nos exames de rotina da filha, e a mamografia nos seus e nos das outras três irmãs.

Kaciele

Kaciele, é, na verdade, Kaci, como os familiares e amigos a chamam, há 33 anos, e como ela se apresenta no *Instagram*, já que não usa *Facebook*. Ela sempre se considerou uma mulher muito forte e prática para resolver as coisas, em suas palavras “meio coração de gelo”.

– Mas tu já está me matando antes do tempo! - disse ao pai.

Essa foi a primeira frase que disse ao pai, muito irritada, quando pegou o resultado do exame e contou a ele.

– Falei brava, sabe? Pensei: como assim ele está chorando? Tem que ser forte!

Quando foi buscar o exame, na clínica Sonitec, no Centro de Florianópolis - num prédio enorme e antigo -, com muitos andares, o elevador demorou a subir. Foi então que ela decidiu descer de escada. Abriu o exame e parou em meio aos degraus.

– Quando vi o resultado eu travei, não subia e nem descia.

Ela sempre fez todos os seus exames sozinha. Mas especialmente nesse dia, seu pai a estava esperando no carro.

– Na escada eu me perguntei várias vezes se deveria ou não contar para ele. Conteí. Ele começou a chorar.

Kaciele não chorou nesse dia.

Kaci é enfermeira, formada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) em 2008, e também profes-

sora de um curso técnico de enfermagem. O seu primeiro emprego foi numa clínica psiquiátrica, na qual trabalhou por nove meses, o segundo foi numa UTI Adulto.

Depois de muitos desencontros num período de dois meses, ela me recebeu numa noite de plantão na UTI de pediatria, a qual trabalha atualmente, no hospital da Unimed de São José, localizado no município de Florianópolis.

Entro no elevador e me confundo. Ele tem duas portas e abre pelo lado contrário ao qual eu entrei. Quando me viro, lá está ela, me esperando no corredor com seu jaleco branco e o sorriso animado no rosto. O mesmo sorriso de quando a vi pela primeira vez e a acompanhei, fazendo seu procedimento de reconstrução do mamilo com o tatuador Yurgan Barret. Rimos da situação e entramos numa sala bonitinha, com mesa redonda e duas cadeiras.

Ela coloca uma garrafa bem grande em cima da mesa e a segura, cheia de água. Surpresa com o tamanho da garrafa, pergunto quantos litros tem. Ela ri e responde: — um litro e meio. Era tarde da noite, estávamos as duas cansadas. Começamos a falar sobre a rotina agitada e o cansaço. De repente, surge a informação de que a maior responsável pelo seu agito são as inscrições de mestrado na UFSC.

— Estou que nem louca, só olhando. As inscrições logo abrem e eu estou tentando ver o que fazer.

Descobriu o câncer de mama, porque assim como na vida de Rosângela, o câncer não era novidade. Sua mãe também teve a doença, com 61 anos. Em cinco anos teve recidiva,

viveu mais doze anos e faleceu em maio de 2015 por causa do câncer de mama, com metástase e outras complicações. Foi por causa da doença da genitora que começaram os sagrados acompanhamentos desde os 22 anos. E em junho de 2016, um ano após o falecimento da sua mãe, veio a descoberta de um nódulo em uma consulta com a ginecologista.

Para ter certeza sobre o resultado do exame, a biópsia de Kaci foi realizada com a punção da agulha grossa.

— Eu nunca tive medo de morrer. Mas eu sempre tive medo de sofrer, porque eu sei como as pessoas ficam debilitadas durante a doença. Então eu botei uma meta: se não desse certo, eu não me trataria mais.

Quando a médica informou sobre o nódulo e pediu o exame, ela não se incomodou e nem se preocupou.

— Sou bem “*good vibes*”, deixo acontecer.

Mas quando sua punção foi com agulha grossa, começou a se questionar de que algo estava acontecendo. O resultado estava demorando a sair. Numa noite de plantão, apertou F5 - tecla do computador que serve para atualizar uma página eletrônica -, a noite inteira. Resultados médicos não saem altas horas da noite, mas naquele dia sequer lembrou disso.

Nesse momento estala os dedos.

— Eu nunca pensei que o resultado dos exames fosse ser um câncer, por mais que a minha mãe tenha tido, tu nunca espera... Né? - questionou-me.

Informada que só ela... Já sabia de todas as informações que o seu mastologista passou. Não era para menos, é en-

fermeira, a mãe faleceu de câncer e, ainda por cima, uma “amigona” estava em um estágio muito avançado do câncer de mama.

Kaci estava morando em Joinville, Santa Catarina, em 2014. Mudou-se para Florianópolis apenas para cuidar da mãe. Acabou ficando - e gostando - para não deixar o pai sozinho. Não foi tão sofrido perder a mãe. O que realmente doía era passar vinte e quatro horas ao lado de quem lhe deu a vida e ver o seu sofrimento diariamente. Via o pai, que foi um “maridão”, sempre estressado e triste.

— Não estamos prontos para perder alguém, somos seres humanos. Mas não era mais a minha mãe que estava ali. Um dia eu a olhei e pensei: até quando ela vai passar por isso?.

Não precisou de sonda, mas não caminhava mais. Ficou um mês acamada, e da noite para o dia, deixou de comer e se foi.

— Eu falo que na área da saúde a gente emburrece quando é um parente nosso. Não aceitamos. Eu sabia que minha mãe não tinha mais cura.

Kaci não ia para o *Google* ler coisas sobre a sua doença ou como o câncer seria tratável. Ia para o site *Guideline*, que funciona como um guia para os médicos sobre tratamentos de doenças. Estava focada em pesquisar a sobrevida e ler artigos.

— Por ser da área da saúde isso é ruim. Acho que, às vezes, é melhor ser leigo do que entender algumas coisas.

Tinha raiva da doença e nas consultas já entendia o sufi-

ciente. Ao ser confrontado inúmeras vezes nos atendimentos, seu médico não aguentou: — Você por acaso vai querer e vai se deixar ser paciente pelo menos uma vez?

Ouviu diversas vezes que é uma guerreira, mas discorda. Prática e decidida, não acredita que o câncer foi uma guerra pela qual estava lutando, mas uma doença que precisou enfrentar.

Em meio ao seu plantão, uma colega bate na porta, entrega o telefone e pede para ela descer. Ela negocia e continuamos a conversa. Lembro de não querer atrapalhar e me sentir constrangida neste momento, mas ainda havia muitas coisas para escutar.

Lilia

Meu primeiro encontro com Lilia foi inusitado. A mulher loira, de cabelos curtos, pele clara e com um ar de simpatia faz uma expressão de confusão quando me vê. Em seus olhos, um sentimento de frustração. Mesmo assim, senta à minha frente.

Afinal, onde estavam os aparelhos e as tintas para realizar a reconstrução da aréola e do mamilo dela? Quando começo a me apresentar, ela confessa que não era por mim que esperava. Lilia entrou na sala em que

eu a aguardava acreditando que sairia dali com a sua reconstrução com tatuagem feita. Num desentendimento de informações entre nós e quem nos apresentou, acreditou que eu fosse a profissional que realizaria sua reconstrução.

A frustração foi passando. Uma conversa que era para durar no máximo meia hora - tempo estabelecido por ela -, durou mais de horas.

— Achei que ia sair daqui hoje com a tatuagem. Mas a nossa conversa foi mais especial do que se você fosse a tatuadora.

Lilia tem um jeito muito particular. Ela fala de todas as suas tristezas com a maior tranquilidade e brinca com todas as situações. Carrega na voz as tristezas, mas também a alegria de uma mulher que aos 51 anos de idade já venceu o câncer de mama duas vezes.

Casada aos 29 anos, demorou mais de cinco para realizar o sonho de ter um bebê. Fez todos os exames e tomou as vitaminas sugeridas pelos médicos. Em agosto, nasceu o Leonardo, seu menino “vitaminado”, como costuma brincar.

Cinco meses depois, Lilia, que nunca tinha feito exames de mama, descobriu o câncer. Sentiu dois nódulos, o que foi confirmado: dois tumores de dois centímetros cada.

— Eu chorava tanto! Sempre quis ter um filho e pensei: agora Deus já quer me levar.

Com o auxílio de família, mãe, marido e amigos, a etapa da doença ficava menos pesada. A família foi o seu alicerce, que a sustentou e deu base para todos os momentos que passou.

Etapa vencida. Depois de ficar afastada quase cinco anos

do trabalho, no Hospital Regional de Florianópolis, onde era concursada e atuava na parte burocrática, no controle de infecção, voltou e começou a realizar muitas horas extras para ganhar mais.

Não esquece a ajuda da própria mãe no período em que precisou voltar ao trabalho e da avó que cuidava da criança.

— Voltei para a rotina de mulher, né? Aquela rotina de jornada em casa, jornada no trabalho e filho pequeno. - reclamou já conformada.

No meio de estresse e rotina agitada, passaram-se dez anos para que Lilia descobrisse um segundo câncer de mama, dessa vez, no outro seio. Parecia que o chão havia saído dos seus pés. O câncer tinha quatro centímetros.

Brincando, relembra a história da atriz, cineasta e ativista humanitária Angelina Jolie, que por ter histórico familiar e oitenta e sete por cento de chances de ter câncer de mama, recebeu a recomendação de realizar a mastectomia preventiva: — Minha médica até diz que eu posso ser a Angelina Jolie.

Muitas pessoas acreditam que casos na família são uma das principais causas para se desenvolver o câncer de mama, mas a doença como fator genético e hereditário corresponde apenas de cinco a dez por cento do total de casos da doença. Mesmo assim, há casos de mastectomia preventiva, quando a cirurgia é realizada para diminuir os riscos de desenvolver o câncer de mama. No entanto, essa cirurgia é indicada apenas a algumas mulheres, como por exemplo, às que possuem histórico familiar.

Lá se vão cinco anos desde que Lilia venceu o segundo câncer de mama e faz questão de enfatizar que agora vive “um dia de cada vez”, ou seja, que é necessário viver bem e pensar no dia de hoje, tempo presente.

– O amanhã a Deus pertence, porque a hora que Ele chamar, não há muito ao que se agarrar.

No dia do nosso encontro, Lilia suspeitava de outro câncer de mama. Havia aparecido mais uma bolinha no seio e que a médica mandou investigar. Ela não contou para a família, não desejava a ansiedade de descobrir um terceiro câncer de mama para ninguém. Só contaria se a recidiva fosse confirmada.

Era dia 2 de novembro de 2019 quando recebi a seguinte mensagem pelo aplicativo *WhatsApp*: “Bom dia! Meu resultado deu ótimo!!!”.

Cristiane

O dia estava muito chuvoso. Eu e Cristiane marcamos de nos encontrar no Primavera Garden, em Florianópolis. Com o guarda-chuva nas mãos, caminhamos durante uns cinco minutos, desviando de buracos, poças e do barro molhado da rua que dá acesso a sua casa. A rua estava em obras, e com o dia chuvoso as coisas pioraram.

A casa de Cristiane fica no início de um morro bem alto. Brinco que não subiria de carro - ela ri. A casa grande, de

paredes claras, abriga um canário amarelo, igual ao que tenho em casa, e o cachorro Godofredo, que não sabe se me cheira, pede carinho ou late para a presença de uma estranha em sua casa.

Nossa conversa acontece na sala, onde seu filho mais novo está jogando videogame

O barulho da televisão está muito alto. Antes mesmo que eu pudesse pensar que isso atrapalharia nossa conversa ela o repreende.

– Baixa isso, meu filho. A mãe agora vai conversar.

Cris, como é chamada pelas pessoas mais próximas, tem o tom de voz muito baixo, mas fala rápido, carregando na voz uma ansiedade. De frente uma para a outra, sentadas numa mesa de madeira, ela mistura a ordem das histórias, perde-se nas datas, sorri e pede desculpas envergonhada.

– A minha história dá um livro. - comentou sorrindo.

Com 36 anos descobriu o câncer de mama. Técnica de enfermagem - e agora fazendo alguns trabalhos como cuidadora -, trabalhava na área da saúde, no projeto Capital Criança, da Prefeitura de Florianópolis. Era responsável por fazer as vacinas contra tuberculose, a BCG, e as de hepatite, nas maternidades como a Carmela Dutra e o HU.

No dia que pegou os resultados de todos os exames feitos com urgência, chorava como uma criança recém-nascida. Sem entender, as pessoas a olhavam confusas, com ar de piedade e compaixão. De todos os irmãos, Cris é a décima terceira, quatro são mulheres. Uma de suas irmãs, que a es-

tava acompanhando, explicava a situação para os preocupados e os curiosos.

– Meeeee Deus, tão nova! - exclamavam outros pacientes. Aí que Cris desabava no choro.

Não foi só o câncer de mama que deixou marcas. Antes da doença, um aborto retido a impediu de pegar o seu segundo filho no colo. Esse tipo de aborto acontece quando o embrião morre e não é expulso para o exterior, podendo ficar dentro do útero por semanas ou meses.

– Quando fui fazer o ultrassom, a médica disse que não estava conseguindo ouvir o coração do bebê e pediu para fazer o exame transvaginal.

Ná época, Leonardo, o primogênito que hoje tem 24 anos, já contava com onze aniversários. Um mês depois da curetagem, o seio estava cheio de leite. Quando esvaziou e o leite saiu, lá estava o nódulo no seio direito.

No trabalho, estava conversando com as colegas que comentavam sobre o câncer de mama.

– Eu estou com câncer de mama! - disse às amigas.

Todas ficaram impactadas. Naquele momento, Cris ainda não tinha feito exames, não tinha realizado nenhuma biópsia, mas tinha uma intuição: o caroço que sentiu era câncer de mama.

A enfermeira Márcia, que estava na roda de conversa entre as colegas, ficou assustada com a afirmação que Cris despejou com rispidez. Entregou o telefone: – Liga agora e marca a tua consulta!

Com as condições financeiras apertadas, o convênio da Unimed colaborou para que conseguisse realizar os exames necessários. Não bastasse a descoberta do nódulo, também mantinha na cabeça a preocupação com o trabalho. No dia da punção mamária, remarcou o horário com o médico para poder realizar as vacinas no período da manhã. Vacinou quase 30 crianças, saiu uma hora da tarde e só então dirigiu-se à clínica.

Entre trabalho, exames e preocupações, o filho estava fazendo tratamento para toxoplasmose ocular. Num dia de muita febre, correram para o hospital.

– Eu desliguei o celular para entrar na consulta, porque tinha aquelas plaquinhas de “Desligue o seu celular”.

O plantão ajudava nas contas da casa. E esse era mais um dia para ganhar um extra. Como era noite de plantão, Cris ligou o celular para avisar o colega de trabalho Daniel sobre o seu atraso. Também ligou para a sobrinha, pedindo que fossem ficar com o filho, já que ela precisaria ir trabalhar.

O telefone começou a tocar seguidamente. Havia mais de vinte ligações não atendidas. Era a secretária do seu médico, dizendo que ele estava ansioso atrás dela.

– Na hora que fui ligar para o médico, meu telefone tocou. Era ele. E ele disse que meu resultado tinha dado positivo. Comecei a chorar, não sabia o que fazer.

Quando entrou com seu filho na consulta, o médico que

estava atendendo percebeu uma exaltação de sentimentos e o nervosismo de Cris. Ela não conseguia esconder. As palavras afirmando ter câncer de mama saíram da sua boca com tamanha indignação.

— Acabei de receber o diagnóstico que eu estou com câncer.

Fazia sete meses que havia feito o ultrassom e não tinha aparecido nada, nem sequer uma bolinha. Naquela noite Leonardo estava com amigdalite. E Cris, descobriu que o tumor estava com três centímetros.

Joana

Joana*, é, na verdade, Jô. Só a conheci assim. E eu, sou chamada carinhosamente por ela de “amiga”, “amada”, ou “amore” até hoje. Precisei entrar um dia em contato com ela apenas para perguntar: “Jô, afinal, qual é mesmo seu nome?”. Todos a conhecem assim, inclusive, o apelido é a marca registrada em seu perfil no *Instagram*, onde divulga seu trabalho como maquiadora.

Viajei quase três horas para encontrá-la, em Sombrio, cidade que fica na região Sul de Santa Catarina. O tatuador

Yurgan Barret - que realizou sua reconstrução da aréola e do mamilo com tatuagem -, que nos apresentou. E foi de coração, portas e janelas abertas que ela me recebeu em sua casa feita de madeira e pintada de um bege claro.

Jô me chama para acompanhá-la na sala. No cômodo toca uma música evangélica de fundo, ligada na TV.

— Pega tuas coisas e vem aqui. Vou te explicar o porquê a gente vai conversar aqui. É que a minha filha está ali (aponta para a sala de maquiagens em que estávamos), e tem coisas que aconteceram que ela não sabe, eu nunca conversei com ela.

Ela baixa a música e me convida para sentar ao seu lado, num sofá marrom e confortável.

— Esse pavilhão aqui atrás de casa era uma fábrica de confecção de jeans. Eu e meu ex-marido tínhamos uma loja no shopping de varejo. Era só atacado na época. Nós tivemos a fábrica aqui por uns nove anos. Na verdade, o que aconteceu é que eu trabalhava muito, eu tinha hora para acordar às seis horas da manhã, mas não tinha hora para dormir.

Hoje, com 42 anos, Jô acredita que as várias noites em claro trabalhando, o estresse e a responsabilidade com os dois filhos pequenos colaboraram para o desenvolvimento da doença. Ainda trabalha, mas como maquiadora e numa loja de atacado *plus size*, no Shopping Litoral.

— Naquela época eu era uma pessoa totalmente estressada, ligada no 220 *volts*. Eu fazia o financeiro, trabalhava na fábrica, e nós ainda tínhamos facções (é o nome dado às in-

* Nome alterado a fim de preservar a identidade da fonte e das crianças envolvidas no relato.

dústrias de confecções e vestuário que fazem seus serviços exclusivamente para outras empresas de confecções) longe daqui da cidade. Eu trabalhava na loja também, todo domingo.

O ginecologista que a acompanha até hoje, e que também fez o parto do seu casal de filhos, já tinha percebido que um dia a rotina pesada de Jô ia cobrar do seu corpo e da sua saúde.

– Tudo tem um limite, Jô. Um dia o teu corpo vai reclamar, porque ninguém aguenta. - avisou o médico.

Foi então que Jô decidiu fazer os exames de rotina e descobriu que estava com uma lesão no útero, que poderia virar um câncer se não fosse tratado. Esse foi o começo de uma jornada de batalhas emocionais, cirurgia e tratamentos. Foram necessárias duas cirurgias, alguns dias de repouso e passar por muitas dores para que se recuperasse.

– Aí tudo certo, tudo tranquilo. Voltei a trabalhar igual uma louca.

Investimentos ruins na fábrica tornaram a situação financeira da família cada vez mais difícil. A correria atrás de dinheiro deixou Jô exausta e mais estressada do que antes. Para completar, o irmão caçula sofreu um acidente grave no Estado de São Paulo e precisou realizar uma cirurgia no joelho. Felizmente, ele estava recuperado.

Foi num sábado à tarde, durante o banho, que sentiu um caroço enorme no seio. Dormiu sem aquilo e acordou com aquilo. Na hora, não se preocupou e nem pensou em algo mais grave. Há anos, quando teve a primeira filha, teve um caroço pequeno no mesmo seio.

– Na época foi tirado, ficou tudo certo. Só que aquele médico nunca me falou que eu teria que fazer um acompanhamento, então eu nunca mais procurei, até por causa do trabalho.

No dia em que Jô sentiu o caroço, o irmão estava sentado no mesmo sofá que nós duas - o sofá marrom - e foi quem a incentivou a procurar um médico.

Somente no dia do ultrassom que se deu conta da gravidade. Entrou para conversar com a secretária e já estava aos prantos. Foi ali que começaram as preocupações e as lágrimas.

– O doutor que fez meu ultrassom ficou tão preocupado que eu estava no caminho voltando para Sombrio e a secretária me ligou pedindo para voltar. Eles conseguiram encaixar uma consulta com o mastologista.

Assim como na história de Rosângela, mais um episódio de profissionais despreparados para lidar com pessoas que estão descobrindo uma doença grave. As palavras do médico para Jô, que sequer havia realizado a biópsia. Ele já lhe deu um diagnóstico.

– Eu vou ser bem sincero, a biópsia é apenas para confirmar e saber o tratamento. Eu não tenho dúvidas que você está com câncer de mama.

Aquilo a abalou como nunca imaginara. E para piorar, ainda teria que enfrentar longos quinze dias pela frente até sair o resultado da biópsia.

– Eu achei pesada a maneira como ele falou, porque hoje eles não desconversam mais, eles falam na sua cara.

E por mais que os dias demorassem a passar, as esperanças não passavam. A ficha ainda não havia caído totalmente, poderia ser um equívoco. Mas, naquele período, a fé só a salvou de não desistir, pois era mesmo câncer de mama. Jô queria demonstrar toda a sua força, e não queria, de maneira alguma, chorar dentro daquele consultório.

– Eu pensava que não podia mais me desesperar. No consultório não chorei, mas quando saí do consultório perdi o chão.

Mais que um filme passou em sua cabeça, foram anos de trabalho, lutas e desgaste emocional. As expressões em seu rosto e a voz trêmula demonstram sua tristeza, lembra que naquele momento de sua vida nasceu um sentimento de que nada tinha valido a pena.

– Tudo que eu fiz, tudo que eu batalhei, tudo que eu corri, nada valeu a pena, sabe? Nada...

Mesmo triste, Jô, que frequenta a Igreja do Evangelho Quadrangular, ligou para os amigos da igreja e pediu orações. No dia seguinte ao diagnóstico, ela recorda que a primeira coisa que desejou quando despertou era ficar sozinha e não sair nunca mais da cama. Porém, sua mãe não deixou.

– Levanta minha filha, nós vamos lutar e tu não vai te entregar agora! - insistiu a mãe.

E foi assim, abrindo a porta e as janelas, que a mãe de Joana lhe deu a força que ela precisava para começar o tratamento contra o câncer de mama aos 37 anos.

– Quando descobri eu sofri de ficar na cama dois dias.

Depois eu tinha uma força, porque eu acredito que nós temos uma força dentro da gente que nós não conhecemos. Mas quando tu precisa, ela está lá. E eu só vi que tinha essa força quando descobri a doença.

Rita

Rita cativa só com a sua risada, alta e descontraída. Sentadas numa padaria, reparo que o seu batom combina com a armação dos óculos lilás. Enquanto toma um café, e faz gestos com as mãos para falar, observo suas unhas compridas e muito bem feitas. Os cabelos são curtinhos e grisalhos.

Com 64 anos, aparentando, pelo menos, uns dez anos mais jovem, é carioca e faz questão de enfatizar que adora uma boa cerveja. Enlouquecidamente apaixonada pelo Carnaval, lá no Rio de Janeiro, é da Escola de Samba Beija-Flor.

– Eu amo o carnaval, é minha paixão!

Quando visita o filho que mora na Tijuca, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, aproveita para marcar presença na Quadra do Salgueiro.

– Aí quando a gente veio morar aqui, ninguém conhecia ninguém. O pessoal é muito bairrista né. Mas nos unimos na vizinhança, os maridos começaram a batucar e montamos o bloco do Consulado, dos funcionários da Eletrosul.

O que começou como bloco, tornou-se escola de samba e

fundaram a Velha Guarda, da qual Rita faz parte. Às sextas até costuma ficar em casa com o marido, mas entre parênteses.

– Porque eu adoro um boteco, adoro tomar cerveja. Amo escutar samba. A gente vive ali no Mercado Público de Florianópolis, depois vamos para a Travessa Ratcliff. A minha vida é essa.

A Travessa Ratcliff é um calçadão com vários barzinhos, localizada no Centro de Florianópolis.

Casada desde 1971, deixou o Rio de Janeiro há quarenta e um anos para acompanhar o marido, Paulo, que trabalhava na Eletrosul. Nesses muitos anos de parceria, nasceram Juliana, Gabriel e João Paulo.

Em setembro de 1997, Rita sentiu um caroço durante o banho. Fazia religiosamente seus exames, sempre estava nos médicos e nunca descuidou do preventivo. Para ela, não havia dúvidas, conhecia seu corpo, aquilo não estava ali antes, só podia ser um câncer de mama. Compartilhou com o companheiro.

– Amor, eu estou com câncer de mama.

– Tu é louca gurial!?

Rita trabalhava quando morava no Rio, mas quando se mudou para Florianópolis com a família, decidiu dedicar-se inteiramente aos filhos e à casa. Sem plano de saúde, lembrou das campanhas que assistia na televisão e resolveu bater na porta do SUS, literalmente. Do mês de setembro a novembro daquele ano, ela bateu de porta em porta, mas diziam que não havia médicos disponíveis. Hoje conta a história com gargalhadas.

– Aí eu me esquentei, fui na porta e falei: olha só, eu estou com câncer de mama! Eu tenho certeza e se vocês não conseguirem um mastologista até essa semana, eu vou para a televisão.

Em seus pensamentos, se precisasse ir à televisão ela iria. Seria muito fácil, porque relembra a propaganda com a atriz brasileira Cássia Kiss, que participou de uma campanha realizada pelo Ministério da Saúde para a prevenção do câncer de mama.

– Eu não me esqueço, gostava muito dela, e na propaganda dizia para procurar a rede pública.

Uma semana depois, as batidas na porta surtiram efeito. Rita havia conseguido um mastologista. A sua primeira punção veio como um ponto de interrogação, não deu positivo. Foi necessária uma segunda punção, dessa vez, com a agulha grossa, que confirmaria o câncer de mama.

– Aí o que acontece? Você sabe que está com câncer, mas você não tem certeza e não quer ouvir o diagnóstico. Foi só choro né.

A mulher sorridente e forte que está à minha frente, pela primeira vez, estremece a voz. Conta que a sua mãe, uma mulher negra, forte e bonita, naquele momento, tornou-se frágil. Mãe de três filhos, com a perda do filho do meio, ficou debilitada emocionalmente. E com o câncer de Rita não foi diferente.

– É muito difícil contar para a sua mãe que você está com câncer.

Vencida essa etapa e o câncer de mama, descobriu um câncer de colo do útero em 2005. No início, a informação era

de uma lesão pré-câncer, que não resultaria em nenhuma cirurgia urgente. A cirurgia estava marcada para julho, e quando o dia chegou, foi desmarcada em virtude de um caso mais grave (até então). Nesses mesmos dias, com 82 anos, a mãe de Rita teve um infarto e não resistiu.

– Eu penso, Deus faz as coisas certinhas... Já pensou eu internada e operada? Como é que eu ia ver a minha mãe?

Não deu nem tempo de encarar o falecimento da mãe para que viesse outra notícia que Rita teria que enfrentar. O câncer no útero estava espalhado, e só foi possível descobrir isso na sala de cirurgia.

– O que seria uma cirurgiazinha, abriram a minha barriga, me tiraram tudo, até gânglios da perna. Perdi metade do canal da vagina, foi seríssimo.

O que era aquela dor? E aqueles aparelhos todos em volta? Rita acordou da cirurgia sem entender o que tinha acontecido.

– O que é isso, o que aconteceu? - questionou aos médicos.

A dor era intensa, e foi somente depois da cirurgia que soube o que tinha acontecido. Foi um dos momentos mais traumáticos de sua vida, já tinha passado pelo câncer de mama, o recém falecimento da mãe e então acordou de um procedimento para o qual não estava preparada.

– Até eu entrar na sala de cirurgia eu não tinha câncer. Vieram me explicar. Mas logo pensei: então não tenho mais nada. Estou curada! Quando a gente tem um câncer, e tem o segundo câncer, depois outros problemas de saúde... Eu estive lá em cima umas duas vezes e Ele me mandou de volta.

A gente dá valor à vida, mais valor à vida.

Pegar uma vassoura para limpar a casa? Só se tiver muita vontade. Se morrer daqui a pouco, a casa vai estar limpa e ela não estará mais aqui. Então, se dá vontade, chama a amiga para tomar uma cerveja, fecha a porta e “dane-se” a casa.

Só é bem-vindo quem não reclamar da sujeira, e quem ousar achar que a casa está suja, ora, que pegue a vassoura e limpe! Foi-se o tempo em que era doente por limpeza e seu marido só entrava para dentro de casa com “pano nos pés”.

Rita se considera uma mulher muito forte e, acima de tudo, faz questão de gritar aos quatro ventos que mesmo com tudo que já lhe aconteceu, tem felicidade para dar e vender. Suas fotos? Não poderiam ser diferentes, é cada sorriso de orelha a orelha... Mas tem um dia do ano que ela não gosta e que as lágrimas até arriscam correr por suas bochechas: é o dia de finados, celebrado pela Igreja Católica no dia 2 de novembro.

Nesse dia, ela até chora, mas o que não faz mesmo é ir ao cemitério. Já fez o que poderia fazer pela mãe e pelo pai em vida e não acredita que colocar flores em cima dos túmulos demonstra que ela foi uma boa filha. O pai foi com quem ela compartilhou mais momentos na vida, ele faleceu com 104 anos. E nem por isso foi na sua missa de sétimo dia.

– O que eu tinha que fazer eu fiz em vida.

E A MINHA FAMÍLIA?

Ao conviver com a história de várias mulheres que são atendidas pelo Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (Cefid) para o tratamento de linfedema, a professora Fabiana Sperandio observa a realidade do papel da mulher imposto pela sociedade. “É muito difícil conciliar tudo, ser mulher e profissional. Eu me coloco no lugar delas quando elas falam que precisam cuidar dos filhos pequenos. Mesmo com a doença, muitas delas ainda tentam buscar energia para cuidar dessa família, desses filhos e do marido”, conta.

Rosângela

Quando a notícia do câncer de mama confirmou-se, sentiu o mundo despencar à sua volta. Chegou em casa e desabou no choro. Como dar a notícia para Ana, a filha de 22 anos e João, o filho de 16 anos? Sentiu o estômago embrulhar, não sabia quais palavras usar numa situação como aquela. Falando da família, a voz oscila. Consigo perceber o choro travado na garganta.

Sem pensar demais, chamou os filhos.

— Ó, eu estou com câncer de mama, mas eu não vou morrer, tá? Eu só quero a ajuda de vocês.

Eles diziam que era mentira. Ela repetia que era verdade.

Não sei se Rosângela teve sorte, se é que é possível chamar isso de sorte, ou se foi a dignidade que se espera de um casamento de longa data, mas seu companheiro segurou a barra

da doença ao lado dela. E essa, infelizmente, não é a realidade de todas as mulheres que passam pelo câncer de mama.

A primeira coisa que pensou é que ele a deixaria. Ouviu e sabia de tantas histórias de maridos que vão embora, por que com ela seria diferente? Para piorar a ansiedade sobre o que o futuro guardava para ela, acordou no dia do exame o marido não estava ao seu lado na cama

Ele voltou para casa algumas horas depois. Estava, na verdade, no Ribeirão da Ilha, um distrito da cidade de Florianópolis, limpando cavalos. O casal tem cavalos e ela montou só uma vez. Gostaria que tivesse sido mais vezes, mas o medo de que ele saísse galopando e que ela caísse não permitiu.

— Meu deus, parece tola que eu ia sair e te deixar aqui! O que a gente vai fazer? - perguntou o marido.

— Me deixa chorar uma semana e eu decido o que fazer. O câncer não vai me matar em uma semana, deixa eu viver o meu momento.

Hoje, conta a história rindo às lágrimas, e por um instante, quase esquece o sentimento de nervosismo que teve só de pensar em não receber o amparo dos mais próximos.

Casados há trinta e cinco anos, enxerga o marido como seu maior companheiro. Mas confessa que naquela época ficou assustada.

— Têm uns casos muito feios, então a gente fica assustada, né? Não conhecemos a reação das pessoas sempre.

Rô queria ser forte pela doença, pelos filhos e marido.

— Você não quer passar para eles que está sofrendo,

sabe? Dia desses eu falei para as meninas do Gama que estava precisando chorar.

O Grupo de Apoio a Mama (Gama) foi criado em 4 de maio de 1995, no Cepon, em Florianópolis, idealizado por duas enfermeiras com a ideia de que era necessário existir um grupo de mulheres que tivessem passado pelo mesmo tipo de adoecimento, o câncer de mama, para trabalhar informações e orientações.

Hoje se chama Instituto Gama, e desde lá são realizadas reuniões quinzenais com convidados palestrantes, para falar sobre nutrição, fisioterapia, terapia ocupacional, pedagogia e todas as curiosidades que as mulheres têm relacionadas à doença e aos tratamentos.

Com quase quarenta participantes, o que não falta é a união dessas mulheres se empoderando e trabalhando a sororidade feminina, juntas. É lá que a Rô sente um abraço de acolhimento, para lutar, chorar e trocar experiências com mulheres que já passaram ou estão passando pela mesma doença que ela.

Ela só queria saber de ver os filhos com o diploma nas mãos. Achou que não poderia ver os netos. Mas tem dois, o mais velho com 8 anos e o mais novo quase completando 1 aninho, que são da filha mais velha. O filho não quer ter nenhuma criança, não por enquanto. Às vezes, e com muito gosto, é a encarregada de cuidar do neto mais novo.

— Eu queria ver os dois (filhos) bem encaminhados, meu maior medo era deixar eles sem amparo. Mesmo tendo o pai, acho que a mãe é tudo.

A família deu o amparo que precisava. E o mais importante: ai de quem a olhasse com pena. Dizia aos quatro ventos que ia viver. No fundo, em seus pensamentos mais íntimos, tinha insegurança e medo de morrer. Deus era seu ouvinte de todas as noites, pedia tanto, pedia muito mesmo para que vivesse, pelo menos, até os 60 anos.

— E olha só... Já estou nos 63, ganhei três anos.

Dá uma gargalhada contagiante e logo retoma o pensamento: — Com tantas pessoas que já se foram durante essa trajetória, afinal, quem somos todos nós para determinar uma coisa dessas, não é mesmo?

E como fica a Rô nessa história toda? Tadinha dela? Não tem tadinha, não! Esse pensamento não faz parte da sua vida. Para ela, tem que ir à luta e pensar que consegue. Já conseguiu.

Kaciele

O irmão ficou triste; o pai nervoso. Mas ninguém a tratou com olhar de pena. A confiança na vida e a personalidade forte de Kaci sequer permitiria. Ganhava tudo do pai, que já havia sentido na pele a doença de sua companheira, entendia sobre muita coisa e fazia de tudo para agradar a filha. Carinho, amor e cuidados. Muitos picolés no meio disso tudo.

Lilia

— Você teve o câncer de mama por minha culpa!

— Meu filho, tu veio pra me salvar, porque esse câncer já devia ter tido antes, e quando engravidei aquilo pode ter aflorado. Mas você veio para me salvar. Eu descobri por sua causa, então você me salvou!

Conta esse episódio de sua vida ainda assustada com o sentimento de culpa contido nas palavras ditas por seu filho, como se ainda estivessem sobrevoando o momento presente dos seus pensamentos. É com lágrimas escorrendo pelo seu rosto que não deixa de agradecer por estar viva.

Quem a vê rindo e brincando não imagina a sua luta diária. Entre uma preocupação e outra, com a doença, filhos e as tarefas domésticas, o único sentimento possível é o de gratidão por estar vendo Leonardo crescer, hoje com 16 anos. No tom de voz, não há como não reparar o orgulho.

Ele faz telecomunicações no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). É ótimo em matemática e física, inclusive muito elogiado pelos professores. Mas tem uma coisinha que a estressa às vezes: ele quer ficar jogando videogame e dorme tarde, aí fica bravo se a mãe o repreende. Mas nada que abale o amor e admiração de um pelo outro.

Lilia conheceu o marido Jocélio em outra luta, dessa vez, a luta por um salário melhor, como ela se refere. Na multi-

ção, não podia deixar de reparar num homem interessante falando ao microfone, era o presidente do sindicato, na época. Pensava: “Ah... se ele desse bola!”. E não é que ele deu? Se aproximaram e casaram. Quando teve a doença contou com o apoio do marido, que é enfermeiro. Estão casados até hoje.

Há dezesseis anos Lilia também ganhou o título mais gratificante da história de sua vida: o de melhor filha do mundo, do seu próprio pai, pouco antes dele falecer. Não era para menos, sempre sofreu muito pelos outros, e pela família nem se fala. O que era um fardo difícil de carregar na maior parte do tempo, tornou-se aprendizado. Aprendeu que não poderia consertar o mundo, e foi aí que começou a olhar para si mesma.

Aprendeu, principalmente, a lidar com as escolhas da mãe, que não foi feliz no casamento. O marido e pai era alcoólatra. Isso lhe cortava a alma, sofria junto com a mãe.

— Aprendi a lidar um pouco com isso. Eu tenho a minha vida agora, e também tenho que enfrentar as minhas escolhas.

O câncer lhe deu a sensação de que sempre vem acompanhado de alguma perda. Perdeu o pai. Mas ganhou o filho. Venceu o câncer de mama. Conquistou o que mais desejava, que era criar o filho, vencer a doença e estar viva. E vive rindo.

A preocupação das mulheres com a família mesmo após passar pela doença do câncer de mama não é uma característica só na vida de Lilia. Não são poucas as vezes em que as mulheres se esquecem da própria doença e do amparo de que necessitam para assumir esse constante papel no âmbito familiar.

Graças a todos os pedidos que fez, ela não teve a terceira recidiva, mas sofreu a ansiedade da dúvida calada para não causar preocupação em ninguém.

Cristiane

Cris já enfrentou algumas partidas. Quando descobriu o câncer de mama, era viúva. Chorava sozinha. O pai de Leonardo faleceu quando ele tinha apenas 1 ano e 5 meses.

Não tem mais mãe, que morreu quando ela estava entrando para a vida adulta, aos 18 anos, nem pai, que fechou os olhos para sempre quando o neto completou 3 meses. Só tem os irmãos. Quem cuidaria do seu primogênito?

– Eu não podia morrer.

Só viveu três anos de casada, quando um acidente interrompeu a vida do marido e o seu casamento. Perdeu a mãe muito nova. Mais tarde, o diagnóstico da doença. No fundo, até compreende o porquê de ter desencadeado a depressão.

Com 39 anos sentiu o corpo estranho. Era uma recidiva, pensou. Os familiares e amigos foram ficando preocupados. Para o seu alívio, nem toda história em sua vida foi motivo de tristeza. Jamais havia esperado, quem dirá planejado! Depois do câncer de mama ganhou a presença de um companheiro especial. Não tinha voltado a menstruar ainda depois da quimioterapia e descobriu a gravidez do terceiro filho,

Pedro, só no quinto mês.

Contando sobre a terceira gravidez, corta um chocotone para o filho, o movimento da faca faz barulho quando encontra o papelão que embrulha o doce. Ele tem cabelos loiros bem lisos e curtinhos. Comunicativo, entra na nossa conversa por diversas vezes, sente-se adulto.

– Mãe, não foi bem assim que aconteceu! - reclama Pedro.

Era a história de como ele nasceu, ora, queria participar. Acrescentou detalhes que a Cris deixou passar e ficou satisfeito com isso. Jogando videogame, mas com os ouvidos atentos na conversa, também descobriu coisas que não sabia. Como o fato de que a mãe já namorou Adão, seu cabeleireiro, quatro anos antes de ter o câncer.

– Tu namorou com o Adão, mãe? - perguntou surpreso.

– Tu não sabia né Pedro, mas eu namorei bastante tempo com ele.

Ele fica quieto, como quem assimila uma informação. Ela ri. Continuamos a conversa.

– Foi bem assustador ficar grávida, até para o médico. Meu seio estava inchado, mas nunca pensei em gravidez, porque eu fiquei na menopausa durante a quimioterapia e eu não tinha voltado a menstruar normal. Nunca passou pela minha cabeça, achei que não ficaria grávida. E o mais engraçado é que eu engravidei e eu me cuidava, tá?

Ao me falar sobre intimidades, ri envergonhada. A bochecha fica rosada.

– Vai jogar o teu joguinho, Pedro! - disse para que ele

parasse de escutar as nossas conversas.

Com o corpo diferente, decidi realizar todos os exames para saber o que estava acontecendo. O bebê de quase cinco meses apareceu num ultrassom. Ela e o médico ficaram assustados. Lembra como se fosse hoje do sentimento apavorante. Geralmente, uma gravidez depois da reconstrução de mama com retalho pediculado do músculo reto abdominal não acontece. Sem contar a quimioterapia que tinha realizado. O caso tão excepcional de Cris virou até estudo do médico que realizou a sua reconstrução de mama.

Pedro nasceu prematuro, com 8 meses. Hoje tem 8 anos. É fruto de um relacionamento de almas gêmeas.

– Antes de eu ter o câncer de mama eu já era amiga da minha cunhada e o marido dela sempre dizia: ele parou de beber desde que te conheceu.

O marido tem 51 anos. É ex-alcoólatra. Faz quase treze anos que não bebe uma gota de álcool.

– Ele fez tratamento para parar de beber, porque ele era apaixonado por mim, mas eu nem olhava para ele, nem sabia que ele existia. Daí quando ele parou de beber ele ficou mais bonito.

Quando o companheiro da cunhada faleceu, a quem Cris chama hoje de cunhado, foi que passou a olhar para o marido com interesse.

– A minha sobrinha que diz que o pai dela fez o cupido lá de cima.

Pega o celular e pergunta se pode mostrar fotos do marido, por quem é completamente apaixonada e faz questão de deixar isso bem claro. Começa a deslizar as fotos ao encostar

na tela com os dedos e me mostra uma viagem dos dois ao Oeste de Santa Catarina.

– Minha doutora diz que um dos meus diagnósticos de cura foi a minha gravidez, porque quando eu fiquei grávida, por conta da idade e outras circunstâncias, eles pensavam que a doença poderia voltar e nada disso aconteceu. Então o diagnóstico de cura tá ali (aponta para o filho que nesse momento já havia voltado a jogar videogame, e falava sobre o jogo com os amigos virtualmente). Graças a Deus ele nasceu perfeito. Não tem explicação.

Pedro é sua maior companhia. Participa com ela de tudo. No aniversário de 1 ano teve duas festas, uma delas foi no Cepon, com direito a muitos presentes das amigas do grupo Gama, do qual Cris também participa e considera sua segunda família.

Quando estou me despedindo para descer o morro íngreme da sua casa ela me chama mais uma vez e mostra mais fotos do marido.

– Ai, mas ele é o amor da minha vida! Eu amo tanto, meu Deus do céu!

Joana

Foi num dia 2 de janeiro, depois da virada de ano, carregando uma mala e saindo pela porta de vidro da sala que

Fabrizio deu adeus ao casamento de dez anos e deixou Joana sozinha em casa, com dois filhos pequenos, durante o tratamento do câncer de mama.

Ela estava deitada no sofá marrom quando ele atravessou a sala rumo à casa da mãe.

– Estou indo embora, não está mais dando certo.

Ele não voltou nunca mais, pelo menos não como marido. E ela nunca questionou por que ele a deixou no pior momento da sua vida, durante a doença. Quando fala sobre o assunto, sente como se fosse uma ferida que aperta e machuca.

Foram dez anos de casamento, dedicando-se ao papel de mãe, mulher e trabalhando sem interrupção para manter a fábrica. O médico já tinha avisado: o seu câncer era emocional, vinha de uma sucessão de estresse e dedicação excessiva ao longo dos anos.

– Tenho mágoa de ele ter ido embora no pior momento da minha vida. Nunca cobre o motivo de ter feito isso justo no período da minha doença e ele nunca me pediu perdão. Olha o tanto que me incomodei e corri atrás para depois ele pegar a mala e ir embora, eu doente e com dois filhos pequenos. Mas eu nunca falei isso para ele, porque eu acho que não vale a pena. Nunca falei, porque no fundo ele sabe.

A partida não foi exatamente de uma hora para a outra. O comportamento foi ficando estranho, e as brigas estavam se intensificando há algum tempo. Certa noite, estavam prontos rumo à Criciúma para uma noite de *show* Gospel. O combinado era dar carona para um menino que buscariam

na igreja, o atraso irritou Fabrizio, que começou a gritar dentro do carro. Não importava se ela pedisse paciência, ele a acusava de estar usando a doença para fazer chantagem emocional.

Desde o dia em que Jô perdeu o cabelo, decorrente do tratamento de quimioterapia, o casal não dormia mais juntos.

– Fabrizio, dorme comigo, por favor. Eu sinto muito frio.

– Eu não posso te ver sem cabelo.

Até hoje não sabe se a atitude do ex-marido era sobre o sentido estético ou emocional. Tem um palpite: acha que era por estética. As brigas foram surgindo dia após dia, ele tornou-se bravo, estressado, e ainda por cima, financeiramente as coisas estavam muito difíceis. A fábrica já tinha fechado as lojas e a situação não estava boa.

Nesse período difícil para os negócios uma funcionária seria ideal para ajudar na fábrica. E como ela não morava na cidade, o deslocamento para ir embora era complicado, então passou a dormir algumas noites na casa deles. Jô gostava dela e se davam bem, qual seria o problema?

Eles se aproximaram. Jô percebeu. O marido dormia no sofá e a funcionária no quarto do filho, que tem acesso pela sala. Frágil com a quimioterapia, do quarto do casal escutou uma conversa dos dois que considerou estranha. Não teve atitude, não perguntou nada, deixou aquilo acontecer, deixou aquilo passar.

– Meu marido começou a se envolver com essa mulher aqui em casa, comigo doente.

As noites que serviram de hospedagem na casa de Jô só cessaram quando o marido da mulher sentiu-se desconfortável com a situação e a fez parar de dormir fora de casa.

Alguns meses depois, elas conversaram pelo *Messenger*, aplicativo de mensagens instantâneas do *Facebook*. Chateada, desabafou na conversa que a mulher não teve respeito nem pela sua doença. Ela pediu perdão, disse que reconhecia o erro.

– Hoje não sei o que te dizer sobre perdão, porque estou muito magoada. - respondeu Jô para a mulher.

Se por um lado o casamento não ia bem, do outro, a família sempre se apresentou forte, positiva e gritando para o mundo inteiro ouvir que tudo daria certo. Nunca demonstraram tristeza. A irmã mais nova nem se fala, mesmo morando no Estado do Paraná, são grudadas. É a pessoa mais querida que conhece. Jô sorri com os olhos quando fala dela.

Nos primeiros dias desesperou-se, tinha dois filhos pequenos para criar, e sentiu na pele a incerteza de estar viva para vê-los crescer. Não durou muito tempo para que o medo não a incomodasse mais. Evangélica e apaixonada pela igreja, acredita que foi Deus que tirou dela a percepção da gravidade da doença, e teve cem por cento de certeza de que tudo daria certo e continuaria criando seus filhos. E estava certa.

Era comum que o companheiro largasse o celular em qualquer lugar, mas isso mudou. Começou a perceber que também haviam muitas mensagens. Numa consulta com o mastologista, usou o telefone de Fabrício para fazer uma li-

gação e viu mensagens de um homem. Achou as conversas estranhas, mas não falou nada. O marido continuava grosso e a tratando mal. O casamento não ia bem.

Fabrício falou que a união dos dois não dava mais certo. Jô perguntou se ele queria o divórcio, porque já não conseguia mais lidar com as grosserias no momento em que mais precisava de apoio e carinho. Ele disse que ia embora, e ela pediu que ele ficasse em casa, pelo menos até terminar as radioterapias, por causa das crianças.

– Já estava sendo difícil para eles uma mãe doente dentro de casa, sem cabelo, achei que seria muito difícil mais a falta do pai.

O dia estava ensolarado e o céu azul da cor do mar. Eu e Jô ouvimos um barulho na janela, era um beija-flor bicando o vidro. Enquanto as lágrimas caem na almofada e ela seca o rosto com as mãos, surge um sorriso em seu rosto. Era um ser vivo nos dando olá.

O marido, afinal, concordou em ficar até o fim do tratamento. Mas no dia 31 de dezembro Jô percebeu que as roupas não estavam mais no guarda-roupa. Quando perguntou, ele respondeu que estavam no quarto do filho. Ela foi conferir. Estavam mesmo, mas era dentro de uma mala. Dois dias depois Fabrício foi embora.

Ela desconfiava que o ex-marido estava se envolvendo com homens. Agora que ele tinha ido embora, as mensagens que tinha visto faziam sentido no quebra-cabeça que tentava montar. Ela desconfiava que o ex-marido estava se

envolvendo com homens. Perguntou. Ele negou de pés juntos, disse que jamais se envolveria com algum homem. Não adiantou. A madrasta de Fabrício era uma mulher indiscreta e na primeira oportunidade contou para Jô. Depois disso, tiveram uma segunda conversa.

– Você é homossexual, Fabrício?

– Eu já ia te chamar para conversar. Depois dos meus pais, você é a segunda pessoa no mundo que precisa saber da verdade. Eu sou homossexual.

– Então por que você esteve casado comigo durante dez anos?

– Nunca tive coragem de assumir. Lutei a vida toda para não ser.

Jô não se considera uma pessoa preconceituosa. Passados os traumas, hoje se dão bem e, aliás, ele é o pai dos maiores amores de sua vida. Mas confessa, sentiu profunda tristeza quando soube a verdade. Sentiu, acima de tudo, que em dez anos nunca foi amada verdadeiramente.

– Eu senti na conversa com ele que o casamento foi para fugir da situação, que ele também tinha esperança de não ser homossexual. Fiquei com raiva no início, porque de certa forma me senti meio usada, porque eu amava ele. Mas depois que eu fiquei doente e ele foi tão agressivo com palavras, aquele sentimento acho que foi morrendo. Aí quando eu descobri a homossexualidade dele, eu já estava desgastada, então acreditei que tinham coisas mais importantes para me preocupar do que sofrer com aquilo ali: minha família,

meus filhos e minha saúde.

Depois de um ano e meio separada, conheceu Cláudio, com quem compartilha a vida, e os bolos de pudim, que o casal adora.

Rita

No período das doenças, tanto do câncer de mama quanto do câncer de colo de útero, não faltou o apoio da família. A mãe, no período do câncer de mama, ajudava a cuidar dos filhos de Rita. O marido e Juliana, a filha mais velha - com 17 anos -, participavam das consultas. Não sabe se a filha entendia a gravidade da doença, mas era a sua fiel companheira nas quimioterapias.

Os amigos nem se fala. Estavam sempre por perto.

– Ô, se nessa hora você não tem amigos para contar com eles, para chorar um pouquinho e não chorar perto de mãe. Porque chorar perto de mãe é muito triste, uma mãe ver uma filha sofrendo.

O marido sempre foi o seu maior companheiro. As gargalhadas enquanto fala não negam, parceiros de vida e de cachça, desde o dia em que disseram “sim” um para o outro.

Quando teve o câncer de mama, nem por um segundo sentiu medo de o marido deixá-la. Namoraram muito tempo e tinham um casamento sólido, afinal, era um casamento de muitos anos, amor e filhos.

— Não preta, você não vai fazer cirurgia de reconstrução, eu te amo desse jeito. - confortou sobre a cirurgia do câncer de mama.

Nesse momento, teve a certeza de que seria muito mais fácil encarar a doença.

— Porque vai ter aquele marido que vai te dizer que não te ama mais porque você não tem um peito, e como é que fica uma mulher dessa? E vão embora! Às vezes não é nem pela cirurgia, só em falar em câncer o marido já quer desistir do casamento.

No Gama, que ela, Cristiane e Rosângela participam, é bem raro ouvir relatos de casos assim. Existem, mas são raros. A maioria dos parceiros de mulheres que participam as apoiam e as amam.

Há quatorze anos Rita não tem relações sexuais. Curada do câncer de mama, veio o câncer do colo de útero, do qual também ficou curada. Não culpa os médicos, mas talvez por falta de informação na época, o canal da sua vagina fechou.

É com sorriso no rosto que, nós duas, nos emocionamos enquanto ela confia a mim sua intimidade. A claridade bate nos óculos, mas ainda consigo enxergar as lágrimas escorrendo por trás das lentes, enquanto faz algumas pausas na fala para conter o choro.

— Eu tenho um marido incrível, que não se separou de mim por causa disso. Ele mesmo diz, casamento é amor. E estamos juntos.

Recompõe a voz. Explica que tem cirurgia para isso, mas

que o médico não recomenda que ela faça.

— Por que, Rita? Tu vai passar por tudo de novo? - questionou o seu médico.

Ela é alérgica a vários medicamentos e teve dificuldade com isso durante os dois cânceres. Hoje, o casal autêntico e alegre vive assim, sem sexo, mas com amor.

— O sexo pode ser um toque, um abraço, um beijo, uma palavra de carinho. Hoje, no Cepon, quando vão fazer braquiterapia - radioterapia interna - elas já saem com toda a informação. Não sei te dizer se foi falta de informação. Talvez erro? Não sei.

Ao me mostrar a foto do parceiro que compartilha a vida ao lado dela há quarenta e um anos, não economiza elogios: jovem, gatão e parceiro. O jovem, de 70 anos, a acompanha sempre. Na galeria do celular o que não faltam são fotos dos dois em festas. Ele não quer ficar aposentado, muito menos ela quer que ele fique: “Marido dentro de casa não dá!”.

— Ele é minha paixão. Nos conhecemos só no pensar. E brigas? Têm! Mas, qual casal que não têm, né?!

Ela é a briguenta; ele é *zen*.

ENCARANDO A CIRURGIA

A conduta habitual nas fases iniciais do câncer de mama é a cirurgia. Ela pode ser conservadora, com a retirada apenas do tumor, ou a mastectomia, retirada da mama, seguida ou não de reconstrução mamária. Em alguns casos da cirurgia é possível preservar a aréola e o mamilo, mas isso depende da localização do câncer e da avaliação médica de acordo com exames de imagem. Dados do Datasus (2019), mostram que cerca de 2.645 mulheres realizaram algum tipo de cirurgia relacionada à mastectomia, entre os meses de janeiro e março de 2019.

O Instituto Nacional do Câncer (Inca) recomenda que a reconstrução mamária (cirurgia plástica) seja sempre considerada nos casos de mastectomia para minimizar os danos físicos e emocionais do tratamento. Em 20 de dezembro de 2018, o Congresso Nacional aprovou um projeto, já sancionado pela Presidência da República, que garante a cirurgia reconstrutiva de mama e também assegura às mulheres com a doença o procedimento de simetria da mama e de reconstrução do complexo aréolo-mamilar, realizadas pelo SUS e pelos planos de saúde.

A Lei nº 13.770 determina que quando houver condições técnicas a reconstrução seja feita na mesma cirurgia de retirada do seio com tumor. Se não for possível, a paciente será encaminhada para acompanhamento e terá assegurada a cirurgia em momento posterior se alcançar as condições clínicas requeridas.

Rosângela

A primeira médica que Rosângela consultou indicou outros médicos para que ela realizasse a cirurgia o quanto antes. Não queria acreditar no resultado dos seus exames. Com esperança, pensou inúmeras vezes se era verdade que estava com câncer. Passou por seis médicos até aceitar que precisava mesmo fazer a cirurgia para retirar o câncer de mama.

Encarou. Havia duas possibilidades: realizar a cirurgia conservadora ou a mastectomia total. Com medo, não desejava que houvesse qualquer possibilidade de ter recidiva, que é o reaparecimento da doença, optou pela mastectomia.

Quando foi marcar a cirurgia, estava tão ansiosa que os minutos pareciam dias, demoravam a passar. Desistiu e foi embora. Na fila, ouviu casos que a fizeram assustar-se. O que mais a deixou pensativa foi a história de uma senhora: ela estava há um ano e meio com a doença, mas só começou a tratar muito tempo depois porque precisava cuidar do neto pequeno.

O doutor Renato conseguiria a sua cirurgia para dezembro, mas seria uma corrida contra o tempo, o câncer era violento e não podia ter a vaidade de esperar mais. Rosângela perdeu a conta de quantos médicos foi para que finalmente realizasse sua mastectomia. A afilhada marcou consulta com o último mastologista por quem passou, José Abel, de

quem fala com imenso carinho e conta as conversas engraçadas que teve com ele - rindo às lágrimas.

— Rô, eu vou ser sincero, está tudo tomado!

— Ah, então tá né, só falta enterrar - fala em tom de brincadeira para o médico. — Que nada, vamos, vamos, vamos que vai dar tudo certo!

Achou curioso o fato de nesses dias não ter lembrado nem por um segundo da mãe que já havia passado pela doença.

O plano que tinha da Unimed sairia mais caro do que se pagasse particular. Com um dinheirinho - que tinha guardado para arrumar a casa - fez a cirurgia arcando com todos os custos. Ela mostra as paredes da parte externa da residência, que deveriam ter sido arrumadas com o dinheiro que usou para a cirurgia.

Lembra até hoje das conversas e esforços de José Abel para que ela pagasse o menor valor possível.

— Ela é tão pobrezinha, quanto tu pode cobrar? - pergunta o médico para o anestesista.

E nesse mesmo discurso seguiram as próximas ligações. No final das contas, o valor saiu por R\$ 4.500,00. Ela aceitou. Os amigos também estavam prontos, caso ela precisasse de dinheiro emprestado. Dentro do valor estabelecido, conseguiu fazer a cirurgia no final do mês de outubro, sem pegar empréstimo algum, nem de banco, nem de família e nem de amigos.

O médico fez o esvaziamento das suas glândulas mamárias, mas não tinha nada afetado. O câncer era tão rápido e violento

que, em menos de um mês, o seu tamanho aumentou de um centímetro para três centímetros.

Assim como outras pacientes, Rosângela achou que na hora de tirar o curativo e se ver sem a mama iria desabar. Isso não aconteceu, não naquele momento, porque recebeu muito carinho do médico e das estagiárias que estavam cuidando dela. Quando elas estavam chegando na cama para tirar o seu curativo, ele abriu a porta, falando engraçado e vestindo uma jaqueta de couro.

— Ai, minhas amigas, minhas lindinhas, eu respeito ao máximo o trabalho de vocês, mas a minha paciente eu gosto de tirar o primeiro curativo.

Sentiu-se cuidada e segura. Ela teve alergia à fita *micropore*, então precisou ir para a casa sem outro curativo. Quando olhou, a cicatrização já estava bem sequinha, então não sentiu-se chocada. Antes de ir para casa, José Abel fez um pedido, que ela respondeu de maneira descontraída.

— Vou te pedir uma coisa, tu nem respira, porque eu tirei o máximo de pele para ele (o câncer) não voltar mais.

— Bem, se eu não respirar eu vou morrer, porque vai me dar falta de ar.

— Tu pode respirar, mas não faz arte tá?!

Quando já estava se recuperando em casa, quem fazia seus curativos era o marido. Ela lembra do constrangimento que sentia. Na questão íntima do casal, era mais difícil ainda para ela.

— Era um sentimento de não me toca, sabe? Eu ficava

constrangida.

Na hora do curativo tinha que perder o constrangimento, mas na hora da intimidade era muito difícil para ela. Antes da mastectomia, tinha o seio muito grande, sempre gostou de usar a blusa com decote, e depois passou a usar roupas mais fechadas. Quando abaixava-se, segurava a blusa com a sensação de que apareceria alguma coisa. Ana, sua filha, a tranquilizava: — Mãe, para com isso. Não aparece nada!

De qualquer maneira, virou um hábito. Descobriu o sutiã com bojo. Ela me mostra até onde fechava a blusa, e explica que mesmo assim sentia que todo mundo a olhava.

— Ninguém notava, era eu que colocava isso na minha cabeça.

Primeiro colocou o expansor e depois a prótese de silicone.

A Rô tirou as glândulas mamárias, que é uma das características para causar o linfedema, mas não teve essa complicação. Se abusa do braço levantando peso, logo dá uma inchadinha. Quando o neto Miguel está sob os seus cuidados, aí sente o inchaço. Levanta o braço e balança para me mostrar a “pelanquinha”.

— Aqui nessa pelanquinha eu sinto pesado, e nas costas também. Aí incha, mas a fisioterapeuta só me disse para cuidar e não pegar peso.

A professora Fabiana Sperandio, que atua na Clínica de Fisioterapia do Cefidw, trabalha com mama há quase vinte e cinco anos, na busca pela qualidade de vida de mulheres

com linfedema.

— Uma das grandes complicações do câncer de mama é o volume aumentado do braço, o linfedema. A fisioterapia entra para trabalhar a mobilidade de ombro, minimizar a dor pós-operatório e prevenir o linfedema. O linfedema não é uma complicação obrigatória e nem todas as mulheres têm, mas é uma das mais complexas para tratamento efetivo. Alguns fatores de risco envolvidos ao aparecimento do linfedema são a radioterapia, a idade avançada e as tarefas pesadas (como as tarefas domésticas). O linfedema pode aparecer num longo espaço de tempo ou no dia seguinte da cirurgia. - explica a professora e fisioterapeuta.

Ao mesmo tempo que Rô me mostra o braço, aponta um machucadinho na mão - de quando foi ajudar uma amiga a fazer bolos para um café colonial. Com orgulho conta que todos elogiam seus bolos. O machucado foi uma queimadura por causa de um pingo de açúcar no pano de prato. Quando grudou, ela puxou.

Tratando-se de linfedema, rapidamente relembra as conversas engraçadas com o médico, José Abel, que sempre dizia: — Vocês mulheres têm mania de lavar a calcinha embaixo do chuveiro.

— Eu nãããã! A minha eu uso e lavo na máquina.

Dando gargalhadas altas, explica o porquê dele falar isso. É que os movimentos geram um esforço que podem causar o linfedema.

— Ele é um sarro, gurria!

Kaci

A cirurgia de Kaci foi no dia 25 de agosto. Tudo aconteceu muito rápido desde o diagnóstico da doença. O seu mastologista também era cirurgião e foi ele quem realizou o procedimento. Fizeram também a retirada do linfonodo para saber se algum estava comprometido, mas não estava.

Dona de uma personalidade forte, ri o tempo todo, tudo - ou quase tudo - é engraçado. Sempre encarou a doença muito bem. Quando falavam que ela era uma guerreira, não gostava. Não se considera uma guerreira, para ela, teve a doença e enfrentou o que precisava enfrentar.

— Ou é isso, ou você declina, né.

No dia da cirurgia Kaci estava tranquila, como sempre.

— Tô te falando, acho que eu tenho alguns parafusos a menos. Eu estava “beeeeeem” tranquila.

A tranquilidade não durou muito. Foi nesse dia que a mulher que nunca chora, chorou. No centro cirúrgico, apareceram o mastologista e o plástico. Não sabe explicar o que sentiu, mas sempre teve medo de qualquer procedimento invasivo. Arrumar o nariz porque não está satisfeita? Nem pensar. Trabalha em UTI e sabe como as coisas funcionam. Tem medo de sedação, medo de tudo.

— Eu não sei dizer se eu estava nervosa pelo procedimen-

to, mas acho que também pensei na minha mãe. Foi uma coisa que eu estava sendo tão forte, que aquele momento talvez tenha sido o momento que eu pensei: agora vai ou racha, agora vai começar de verdade.

Com os braços estendidos sobre a mesa, estala os dedos e continua falando.

Aquele choro foi o momento em que entendeu que as coisas estavam começando de verdade. Ainda viria a quimioterapia. A brincadeira de achar tudo engraçado até nos momentos mais difíceis, pensou, tinha acabado.

Chorou. Chorou e chorou. Eu mesma não consigo imaginar aquela mulher à minha frente - que mais parece uma fortaleza - chorando tanto.

Ela não ficou com uma cicatriz grande, mas perdeu a aréola do seio direito.

— Eu não optei por colocar silicone logo na cirurgia porque fiquei com mama, o meu seio era grande e eu sempre quis reduzir, daí ficou um tamanho “ok”. Mas depois eu achei muito pequeno e resolvi colocar um pouco mais. Acabei colocando silicone nos dois para ficar do mesmo tamanho.

Nunca sentiu rejeição em nenhum relacionamento por causa da mama. Um já a conheceu careca e o ex-namorado gostava muito dela.

— A primeira vez que meu ex-namorado viu, porque aí ele já me conhecia antes, deu aquele sentimento, sabe? Mas ele fingiu que não viu nada, e só depois que fui falar alguma coisa. Mas ele era muito querido, gostava muito de mim.

Lilia

No primeiro câncer de mama, Lilia tirou só o quadrante e os gânglios. No segundo, realizou a mastectomia.

— Tive que fazer o tratamento diferente nessa segunda vez. O tumor estava muito grande, então eu fiz primeiro a quimioterapia, que reduziu o tumor em cinquenta por cento. Depois eu fiz a cirurgia e mais a radioterapia. Tirei toda a mama, daí na hora eles já colocaram a prótese.

— Coloquei a prótese expansora no dia da cirurgia e depois de dois anos fiz a troca. Mas já me ajudou muito, antes eu tinha que colocar alguma coisa para ficar do tamanho da outra mama, agora só coloco o sutiã. Antes eu colocava um paninho ou um bojinho.

Os expansores são próteses de silicone vazias colocadas abaixo da pele e possuem uma válvula localizada, pela qual se preenche o expansor com soro, a fim de alcançar um estiramento da pele. Quando o tecido alcança o tamanho desejado, o expansor é retirado e substituído por uma prótese mamária definitiva.

Ela me mostra como ficou o seio depois da cirurgia. Com empolgação, conta que na fisioterapia elogiam a cicatriz dela. A cicatriz não foi o seu maior problema, o linfedema foi. Quando fez a cirurgia, tinha o bebê pequeno para segurar no colo. O colo que todo o recém-nascido precisa, contribuiu na causa do linfedema.

Está anotado na agenda, terças e quintas não falta a fisioterapia na Clínica de Fisioterapia do Cefid, que é realizada gratuitamente. A indicação veio da Fisioterapeuta do Cepon, Mirella, por ser mais perto da casa de Lilia, que mora na Palhoça, município da Grande Florianópolis. Nos dias que não tem fisioterapia, ela mesma faz a sua massagem.

— Trato com a fisioterapia daqui, que é uma benção, porque é uma coisa crônica já. Eu tenho bastante segurança, porque tem a professora Fabiana Sperandio aqui.

Quando pergunto se ela já sabia que o linfedema era uma das causas que a cirurgia do câncer de mama deixa, a voz muda totalmente.

— É porque eu tinha a minha avó... Minha avó materna teve um câncer de mama e escondeu da família, e quando apareceu era do tamanho de uma laranja. Na época era muito agressivo, fez quimioterapia e não aguentou, daí fez a radioterapia, e o braço dela era enorme. Ela era muito vaidosa e isso me marcou muito.

Com tanta coisa para pensar, a médica não entendia por que a maior preocupação de Lilia era o braço.

— Eu olhei para ela e perguntei: “O que você faria?” Ela me disse que tirava tudo e eu disse: “Então vamos lá!”. Daí entrei na sala de cirurgia, não sabia se ia tirar um pedaço, não sabia de nada. Era bem complicado sabe... Aí perguntei para a minha amiga que trabalhava no hospital, ela disse que só tinha sido tirado um pedaço.

O sorriso sincero apagou-se, os olhos começaram a encher de lágrimas, enquanto as frases começaram a ficar pausadas

para que ela tentasse conter o choro - e eu também. Numa fração de segundos - como forma de acalmá-la -, minha mão estava na perna dela, que vestia uma calça colorida. Carinhosamente colocou a mão sobre a minha e - secando as lágrimas -, continuou.

– Eu só tenho a agradecer as pessoas que cuidam da gente, os médicos. Aqui na fisioterapia são os anjos na vida da gente. Meu braço me incomoda muito. Ele é um filho, eu cuido muito, porque tenho aquela lembrança da minha avó. Se eu não cuidar, ele é muito agressivo. Se eu tiro a luva compressiva, ele fica um peso. Graças a Deus eu consigo levantar o braço, o meu problema é o inchaço.

As luvas compressivas são usadas em caso de linfedema para auxiliar no fluxo linfático. Às vezes, os dois braços incomodam: um com o inchaço e o outro com a dor da sobrecarga.

Cristiane

– Deus fez o mundo em sete dias, e eu descobri e tirei o câncer de mim em sete dias.

Sendo da área da saúde, com todos os contatos e amizades que Cristiane tem, do momento da cirurgia ao tratamento, as coisas foram mais rápidas do que normalmente são.

– O médico foi falar de reconstrução, mas eu disse: “Ai,

doutor, não quero saber de reconstrução, eu só quero ficar curada”. Nem me preocupei naquele momento com a estética, só não queria morrer por causa do meu filho.

Fazia apenas sete meses que Cristiane não realizava o ultrassom da mama. Não tinha nada. E de repente, o câncer já estava grande, com três centímetros. A cirurgia foi particular pelo plano da Unimed, o qual ficou pagando durante anos.

Na consulta para realizar a cirurgia, ansiosa do jeito que é, atropelava as palavras do médico.

– Como o câncer era muito grande, e eu não tinha a opção de tirar o quadrante, ele tirou tudo. Tudo. Fiquei sem nada. Eu pedi que tirasse tudo, porque daí eu sentia que ia tirar toda a doença.

Chorava muito, muito mesmo. Autointitula-se de “chorona”. Mas o que não faltava era gente para estar ao lado dela.

– Eu acho que quanto mais tu é consolada, mais tu chora. Foi bem difícil.

Quando chegou na clínica Santa Helena no dia da cirurgia, teve uma experiência inusitada. A cirurgia do câncer de mama correu bem e durou umas duas horas. Mas foi na sala de recuperação que as coisas ficaram graves. Não deu nem tempo de ir para o quarto.

Ela sentia muito frio. A enfermeira, numa tentativa frustrada tentava colocar mais cobertor para aquecê-la. O frio não passava.

– Eu tô com uma sensação de morte, eu vou morrer. Uma sensação muito boa.

Até hoje fica assustada com as palavras que saíram da sua boca na sala de recuperação e também de como sentiu-se. Cris estava com a pressão baixa, mas só abriam o soro para que a pressão aumentasse. Ninguém tirou a coberta de cima dela.

— Quando o médico viu eu já estava em choque. Eu morri, morri mesmo. Daí ele pegou e tirou o cobertor, eu não tinha pescoço, não tinha nada, meu braço estava inchado, foi uma hemorragia interna.

Às pressas, ela foi entubada. Lembra de sentir uma sensação maravilhosa.

— Eu até brinco, se morrer é isso, eu não tenho mais medo nenhum de morrer. Depois de tudo aquilo que passou, quando eu acordei, fiquei até mais tranquila.

Os médicos deram choque para que seu coração voltasse a bater. E lá foi ela para outra cirurgia. Ficou uma noite a mais internada do que o previsto.

Na recuperação ficou na casa de uma das irmãs, mas a saudade do filho - que estava com a afilhada - era tanta que até doía. Para ficarem juntos, Cris e o filho seguiram para a casa do irmão Paulinho. A estadia durou cerca de quatro meses. É eternamente grata pelo cuidado que os irmãos tiveram com ela.

Depois da cirurgia ficou muito deprimida. Não queria abrir as janelas e nem ver o dia clarear. Só dormia. Mesmo com o apoio e cuidado das amigas, o medo continuava a atormentar seus pensamentos. Não bastasse o desânimo, a dor maior foi ficar sem o seio.

Quando se olhava no espelho, aquela mulher que antes só queria ficar curada, agora também queria o seu seio de volta.

— Eu chorava muito quando me olhava no espelho. Pra mim a pior parte foi ficar sem o seio. Eu não me conformava. Inconformada, teve um momento que parou até de procurar os seus reflexos no espelho. Foi então que passou a consultar com um psiquiatra.

Passaram-se apenas um ano e cinco meses para que Cris fosse atrás da reconstrução de mama. Ela não colocou a prótese. Foi uma reconstrução feita com o músculo do abdômen, que durou cerca de onze horas. Foi a prima e enfermeira Magali que conseguiu a consulta para ela.

O médico de Cris achou muito precoce a cirurgia e recomendou que esperasse ao menos dois anos, mas ansiosa e sofrendo com a falta do seio, insistiu tanto que ele acabou liberando.

— Eu sendo da área da saúde via muito problema com prótese. Na época tinha muito problema e um peito ficava bem diferente do outro. Como eu não tinha feito a radioterapia, a minha pele estava boa e dava para fazer. Pensei: ah, já que eu tô bem gordinha, tiro a barriga e faço o seio também.

O que Cris não esperava é que fosse sofrer tanta dor na recuperação.

Joana

No dia da cirurgia de Jô, a irmã que ela tanto ama - e que mora no Paraná -, viajou cerca de 866,2 km para tranquili-

zá-la. E funcionou.

Não se esquece das longas quarenta e oito horas que ficou no hospital. Quando foram tirá-la da maca cirúrgica para colocá-la na cama do quarto, não conseguia respirar. A dor era tanta que seria impossível esquecer. Acredita que o incômodo tenha se agravado porque também tirou os linfonodos.

Os procedimentos para marcar a cirurgia foram rápidos. Era particular. Passaram-se trinta dias do dia que descobriu a doença até o dia da cirurgia.

– Meu pai falou que não ia me deixar esperando uma cirurgia e que eu ia colocar prótese.

Não tinha pele suficiente, então colocou a prótese expansora. Uma vez a cada sete dias o médico injetava um soro na prótese. Depois de dois anos tirou a expansora e colocou silicone nos dois seios. Quando consultou o mastologista já sabia que usaria prótese, para ela, não era uma opção ficar sem seio.

– Pra mim foi muito importante colocar a expansora no dia da cirurgia, eu não imagino ficar sem. Teria sido muito mais difícil, eu tenho certeza.

Não foram só as dores físicas e emocionais que marcaram esse período da cirurgia na vida de Jó. Quando pensou que já tinha passado por tudo que podia, não tinha. Vieram também as dificuldades financeiras.

– Eu achei que já tinha passado tudo que bastava, e foi aí que começou mais uma situação difícil. Eu tive que parar de

trabalhar nesse período, e o meu marido (na época) tocou a empresa que tínhamos, só que ele não tinha muita noção de negócios. E eu vi que as coisas começaram a andar para trás, mas como eu estava em recuperação, não podia me envolver.

Rita

O período da cirurgia para Rita foi de muito choro. Ela não removeu toda a mama, retirou apenas o quadrante do seio do lado direito.

– Mas eu disse pro médico: “Tira tudo”.

As palavras que diz nesse momento saem num tom de voz em que a tristeza e a razão caminham de mãos dadas.

– Aí, o doutor me respondeu: “Mas, nãoããã, e a autoestima? Ficar sem peito?” E eu te pergunto (ela olha séria e fixamente nos meus olhos, como se tentasse adivinhar os meus pensamentos): o que que é um peito? Eu precisava ter saúde e não um peito! Ainda mais o pedaço de um peito, que foi o que ficou.

Era início da tarde e estava nublado no dia em que nos encontramos. Uma batida em frente à padaria que estávamos nos distrai por um instante. Quando um senhor foi dar a ré com o carro, bateu numa moto estacionada. Fiquei assustada. E de um jeito descontraído e bem característico da Rita, ela me olha e solta uma gargalhada.

– Mas que ré, hein? Que ré mal dada!

Foram alguns segundos de descontração. Retomamos a conversa.

Depois da cirurgia, continuou indo ao médico e os exames estavam todos excelentes. Dois anos depois, eis que surge um ponto de interrogação em um dos exames. Poderia ser uma recidiva, pensou. Não queria acreditar.

– Aí o médico me disse que não era câncer, o que aconteceu é que a radioterapia me queimou muito e provocou uma infecção interna. Na biópsia apareceu pus, então ele disse que eu teria que tirar toda a mama. Daí eu falei pra ele: “Viu só?”. Mas eu reconheço que eles querem preservar a nossa autoestima e agradeço ao meu médico.

A segunda cirurgia, dessa vez com a retirada de toda a mama, foi realizada no ano 2000 no HU. Foi muito doloroso, mas ficava aliviada só de saber que não se tratava de uma recidiva.

Não teve linfedema. Às vezes, os braços ameaçam inchar um pouco. Compreensível: é “dona de casa”, passa, lava, cozinha, limpa a casa e esfrega o banheiro. Mas nada que precise levá-la a procurar uma fisioterapia.

Durante esses anos, todas as circunstâncias fizeram com que Rita não desejasse nunca mais passar por algum procedimento cirúrgico na sua vida. É uma escolha sua. Quer o mais longe possível de si as salas cirúrgicas. E hoje é muito bem resolvida consigo e com seu próprio corpo.

– Desde que fiz a cirurgia já falei que não queria reconstruir

de maneira alguma, não quero passar por outra cirurgia. Eu me olho no espelho e não tenho problema por não ter um seio. Só quando olhei a primeira vez no espelho que me chocou. Você se choca porque é mulher, tem que ter dois seios. - refere-se aos padrões de beleza impostos pela sociedade.

A cirurgia de Rita também ficou marcada pela queimadura da radioterapia. Mas isso não é mais um problema para ela. Hoje quando se olha no espelho não repara mais na queimadura. Faz parte dela, se tornou natural.

Ela confessa que só aceitaria a prótese se tivesse sido colocada na primeira cirurgia, caso tivesse retirado toda a mama e colocado o expansor, porque já estaria na sala cirúrgica. Agora isso não faz mais nenhum sentido para a mulher cheia de amor próprio que é.

– Depois de passar por tudo aquilo que eu passei... Não, não, eu não quero passar por isso, não tenho necessidade. Eu tenho uma mama só, mas isso não muda em mais nada na minha vida.

Por causa da queimadura a sua pele é praticamente aderida à costela. Nem sabe se poderia fazer reconstrução cirúrgica da mama, nunca foi atrás disso. Mas cirurgia, nunca mais.

– Se tiver algum outro problema que tenha que fazer cirurgia aqui (seio) de novo, eu não sei nem como que vai ser, porque eu sinto que é só costela.

Rita não se incomoda em não ter prótese, ninguém vê que ela tem só um seio. As roupas com decotes ela deixa para o fundo do guarda-roupa, porque caso se abaixasse, aí sim,

apareceria. Abusa mesmo é dos sutiãs que compra no Rio de Janeiro - de uma loja que virou cliente fixa -, especiais para mulheres que realizaram a mastectomia. Os únicos que encontrou em Florianópolis eram com renda e forro, muito quentes para ela.

O TRATAMENTO
E SUAS REAÇÕES

As manifestações dérmicas e morfológicas são variadas, ou seja, não apresentam sempre o mesmo sintoma. Existem vários tipos de câncer de mama e a doença pode evoluir de diferentes formas, variando de acordo com a característica de cada tumor. Isso também está relacionado aos tratamentos escolhidos para cada mulher, que muda de acordo com cada organismo e como o tratamento responde a cada tipo de câncer.

A quimioterapia branca e a quimioterapia vermelha mudam em relação aos medicamentos utilizados. Normalmente, a quimioterapia branca possui efeitos colaterais mais leves do que a vermelha.

Rosângela

Rosângela foi até o quarto e buscou uma sacola de papelão. Dentro estavam vários lenços que usou durante a quimioterapia. Ela me mostra como gostava de amarrar os lenços na cabeça - deixando os pedaços compridos para frente. Puxa um verde e eu digo que combina com os olhos dela.

— Esse verde eu usei muito. Não sei porque eu guardo até hoje esses lenços, às vezes uso na roupa. Quando eu queria ir em algum lugar, escolhia uma cor que combinasse. Agora eu uso só com a roupa. Aprendi sozinha, aí puxava ele pra frente, drapeava aqui (na frente), e uma ponta pra cá (lado

direito), outra pra lá (lado esquerdo).

Ela acha os lenços bonitos, mas hoje não tem mais nenhum significado guardá-los. A filha de vez em quando escolhe um para usar.

Enquanto conversamos ela segura um lenço rosa claro de seda, comprido, dobrando e ajeitando uma ponta na outra por várias vezes seguidas. Esse mesmo lenço, agora serve para decorar eventos que ela participa no mês do Outubro Rosa.

O câncer de Rosângela era agressivo, mas como foi retirado a tempo, foram necessárias apenas quatro quimioterapias vermelhas. A amiga Stela era quem a acompanhava em todas as quimioterapias.

Conseguiu o tratamento pelo Cepon. Se fosse particular, acredita que cada uma das quimioterapias custaria cerca de uns onze mil reais naquela época. O tempo de espera durou algumas estações. Esperou de novembro a abril.

O Ministério da Saúde oferece atendimento por meio do SUS. E muitas mulheres acabavam falecendo no período de espera para o tratamento, mas a Lei nº 12.732 de 2012, que começou a vigorar em maio de 2013, garante ao paciente com câncer o direito de iniciar o tratamento no SUS em até sessenta dias após o diagnóstico da doença, a partir da assinatura do laudo patológico.

Durante a quimioterapia deve ter ficado com três cílios - e mesmo assim os pintava -, era o que realçava seus olhos claros.

Nunca usou peruca. E apesar de sentir-se bonita com os lenços, doeu muito perder o cabelo. Antes mesmo de começar o tratamento ela começou a cortá-lo, porque era um tanto comprido. Ele ia caindo aos pedaços. Lembra da reação surpresa do filho quando viu o cabelo da mãe cair. Para demonstrar como acontecia, enrolou uma mecha na mão.

– Se eu fizesse assim (puxa o cabelo) eu ficava com ele na mão. Eu levantava de manhã e tinha um monte de fios no travesseiro.

Quem raspou o cabelo da Rô foi a própria filha. Ela que pediu. A filha não queria.

– Ai, mãe, que coisa horrível ter que raspar o teu cabelo!

– Tu chora, eu choro, depois colocamos uma musiquinha. Raspa de uma vez.

Quando passou a mão na cabeça embaixo do chuveiro, percebeu, estava careca.

– Limpou tudo, ficou lisinho, lisinho. Me chocou.

O cabelo começou a crescer. Ela gostava dessa fase.

– Eu adorava meu cabelo quando estava crescendo, porque ele começou a nascer bem enroladinho, mas conforme eu fui cortando, ele alisou de novo. Não gosto muito liso. Às vezes é assim, quem tem cacheado, quer liso, e quem tem liso, quer cacheado.

Kaciele

Kaciele fez dezesseis ciclos de quimioterapia. O tamanho não queria dizer nada, era um câncer pequeno, mas super agressivo. Era uma quimioterapia vermelha por mês, que durou quase um ano e meio. A branca, semanalmente. Enfrentou também um mês inteiro de radioterapia. Parou o tratamento em 2018 e agora só faz o acompanhamento.

A sua imunidade baixou muito. Pelo menos não sofreu com os enjoos. Tomava muitos medicamentos e passava a maior parte do tempo dormindo.

Kaci deve ter chorado somente em uns três períodos da doença. Dois foram relacionados ao tratamento.

– Quando o oncologista me explicou como ia ser o tratamento, e que eu não ia poder beber (bebidas alcoólicas), eu chorei uns três ou quatro dias seguidos.

A segunda vez foi quando as quimioterapias estavam quase acabando. Inchada por causa do corticoide, sentiu-se feia. Admite ter chorado. Mas ficar deprimida? Nunca.

– Eu já estava careca, sem cílios, sem sobrancelha, sem nada, daí eu me olhei no espelho e pensei: meu Deus!

Nem sempre teve o hábito de passar maquiagem, mas o inchaço a fez querer maquiarse pelo menos nos dias em que saía.

Quando nos encontramos, seu cabelo já encostava os om-

bros. Era para estar maior, mas cortou porque não consegue mais ter o cabelo comprido.

– Eu tinha o cabelo grande, e antes de ter o câncer de mama, eu cortei e doei, sem saber. Eu tinha cortado bem curtinho, aí ele foi crescendo e logo depois eu descobri que estava com tumor.

Quando os fios começaram a cair, foi cortando os cabelos aos poucos. Não achou nada agradável quando passou a vê-los no travesseiro.

– O período que ele vai caindo, por mais que estivesse curtinho, é chato, é triste. Daí fui no salão e pedi para passar a máquina.

O fato de estar careca não afetou sua autoestima. Nunca sentiu-se julgada pelos outros, nem permitia que alguém a julgasse. Não usou lenço e muito menos a peruca que ganhou do pai. Tentou uma vez e depois doou.

– Quando me vi com aquela peruca, não era eu, não dava.

Em gargalhadas conta que arrumou três “*crushes*” durante o tratamento.

– Tô te falando, eu tenho um parafuso a menos! Eu fazia dança, daí no grupo de dança o pessoal é bem alternativo, não ficam julgando. Eu arranjei três *crushes*, mas um eu fiquei muito tempo. E o fato de não ter dado certo não teve nada a ver com a doença.

Lilia

Lilia chorou assistindo a novela *Laços de Família*, no capítulo em que a atriz Carolina Dieckmann raspou os cabelos, ao interpretar o papel de uma menina que sofria de leucemia e realizava o tratamento com a quimioterapia.

Fora das telas da TV, a quimioterapia e a radioterapia estiveram presentes no primeiro tratamento de Lilia. Foram quatro sessões de quimioterapia vermelha e quatro da branca. Depois vieram as radioterapias. O pior foram os sintomas.

– A médica me dizia assim: “Mas tu já não teve enjojo de gravidez?” Eu chegava muito ruim em casa. Um dia, dois dias, era bem terrível. E na recidiva dava mais problemas musculares. Mas consegui!

Perder o cabelo não foi a pior parte da doença. O importante era ter saúde para criar o filho. Quando começou a cair, raspou.

– Uma amiga cabeleireira não quis cobrar de mim, achei tão bonita essa atitude. Na hora eu até me emocionei, mas não pelo cabelo, sabe? No final do tratamento cai muito, aí tem que raspar. É uma coisa muito ruim, muito feia.

Para distrair-se dos pensamentos ruins, saía bastante. Arrumava-se usando lenços e, na maior parte do tempo, touca. Peruca? Nem pensar.

– Tinha uma afillhada que eu fiquei tão brava, ela tinha o cabelo tão comprido, tão lindo. Acredita que fizeram ela

cortar para fazer uma peruca pra mim? Eu fiquei tão arrasada, por que deixaram ela cortar o cabelo? Aí acabei nem usando, depois a gente doou.

A médica dizia para ela que o cabelo ficaria mais forte depois da quimioterapia. Aponta para o seu cabelo loiro e fala: “Hãã tá aí, ó”. Abaixa a cabeça.

– Mas eu só tenho que agradecer de ter cabelo, tá bem fininho, mas não faz mal.

No tratamento do segundo câncer de mama, Lilia não precisou raspar o cabelo. Não teve quimioterapia vermelha.

Cristiane

Eram sete horas da manhã e Cristiane já estava no Cepon, com uma escolta de irmãos e amigas. Foi o dia em que fez a sua primeira quimioterapia.

– Até me dizem que eu fui uma paciente precoce, porque eu fiz tudo muito rápido.

Na segunda quimioterapia, as veias do braço ficaram como se estivessem sido pintadas todas com caneta hidrocor. Quando chamaram a médica, a quimioterapia foi suspensa.

– Era alguma alergia ou reação da quimioterapia, aí eu fiquei arrasada. A primeira coisa que pensei foi que eu precisava disso para ficar curada. O que eu ia fazer sem a quimioterapia?

Cris precisou colocar o cateter. Com muita sorte - ou com muitos conhecidos na área da saúde -, conseguiu colocar o cateter naquela mesma semana. Ficou três anos com ele, só tirou quando fez a simetria da mama.

– Quando fui novamente para fazer a quimioterapia na outra semana a doutora me olhou e perguntou apavorada: “Como que você já conseguiu colocar o cateter? Que rápido!” Eu falei: “Ó, eu não perco tempo!”

Foram seis sessões de quimioterapia a cada vinte dias. Em algumas - principalmente nas duas últimas - precisou esperar mais por causa da imunidade baixa. Não precisou fazer radioterapia.

Perder o cabelo não foi nada difícil. Raspou logo que ele começou a cair. Primeiro cortou, mas tinha muitas falhas. O ex-namorado Adão - que na época já havia se tornado amigo e estava até casado - era também cabeleireiro. Ele ajudou Cris em todo o tratamento e foi quem raspou seu cabelo.

– No dia foi uma festa, porque eles não me deixavam triste. Meu sobrinho também ficou careca nesse dia.

Não usou peruca. Em compensação, tinha mais de vinte lenços em casa, de tudo quanto é tipo, cores e tecidos. Também usava touca.

– Me achava bem bonita, passava batom e fiz a sobrancelha com micropigmentação.

Ela trás a Madona para me mostrar. É uma boneca de argila que fez nas consultas com a Lilian, terapeuta ocupacional. Foi através do Cepon que o primeiro encontro

delas aconteceu, no seu primeiro dia de quimioterapia.

– Eu fiz a Madona em várias sessões. Faz uns dois meses que ela (Lilian) está me atendendo de novo, mas o trabalho agora é com pintura. Eu pedi para voltar, porque estavam acontecendo coisas na minha vida, nem tem a ver com o câncer, são coisas externas. A Lilian sabe coisas de mim que ninguém nunca soube, lá do passado, de juvenzinha.

Joana

– Aquilo era um bicho de sete cabeças para mim.

Assim que Joana refere-se aos longos meses que passou fazendo o tratamento contra o câncer de mama. Um mês depois da cirurgia, vieram as quimioterapias, quatro vermelhas e quatro brancas. Conseguiu o tratamento pelo SUS.

– Minha primeira quimioterapia foi em julho, muito frio, era inverno. Eu estava na casa da minha mãe, aqui na frente, e tomei um banho bem quente. Esqueci que tinha que tomar remédio e só sai para a rua. Me deu choque térmico.

Quando o dia escureceu, Jô sentiu uma dor terrível nos ossos. Não conseguiu chegar a tempo de pegar o telefone para ligar para o oncologista, foi vomitando pela casa inteira.

– O Fabrício e minha mãe me levaram até o hospital. Mi-

nha mãe me enrolou em dois cobertores, e eu continuava sentindo uma dor insuportável.

A distância do hospital até a sua casa durava cerca de uma hora. Chegaram lá em quarenta minutos.

– Me colocaram na cadeira de rodas. Quando eles me deram remédio na veia, eu desmaiei. Fiquei a madrugada inteira fazendo exames, e eles detectaram uma infecção urinária muito forte.

Sentiu falta de orientação. Não teve alguém que estivesse passando pela mesma doença para compartilhar suas dúvidas e angústias.

– Eu não conheci ninguém que teve câncer de mama para sentar e conversar comigo. Aí o que eu fiz? Fui para a *internet* pesquisar os grupos. Para mim era tudo muito novo.

Uma das reações da quimioterapia era o enjoo quando sentia algum cheiro. Mas a mãe nunca fazia comida no mesmo ambiente em que Jô estivesse. Outra reação foi o cabelo. O médico avisou que em quatorze dias seu cabelo comprido até a cintura, natural e muito bem hidratado, começaria a cair. No décimo dia nenhum fio havia caído, estava com esperança de mantê-los.

– Doutor, ainda não caiu.

– Mas ele vai cair.

No décimo quarto dia, como o médico havia determinado, o travesseiro estava cheio de cabelos. Ligou chorando para a irmã.

– Mana, meu cabelo começou a cair, eu vou ficar horrível.

– Não, a mana vai comprar uma peruca bem bonita de cabelo humano pra ti. - tranquilizou a irmã.

A irmã colocou o pé na estrada para comprar a peruca de Jô.

– E ele (cabelo) não cai em fios, ele cai em tufos. Aonde tu vai, o cabelo fica. É uma coisa muito constrangedora. Eu tenho umas primas que têm salão na cidade, e eu pedi para elas raspem a minha cabeça.

As primas foram enrolando por dias, não queriam assumir essa responsabilidade. Mas ela queria raspar, precisava. Até o pai admitiu que preferia ver a filha careca do que perdendo cabelos por todos os cantos da casa. Finalmente, num sábado à tarde, elas passaram a máquina zero.

– A gente riu, fez comédia. Não teve choro. Eu já levei um lenço e saí de lá com ele na cabeça. Antes de raspar eu assistia vídeos na *internet* para aprender a amarrar os lenços.

Joana ganhou a peruca - usou só duas vezes. Tinha sido muito cara. Era linda e dava para fazer mechas. Mas e quem disse que ela se adaptou?

– A peruca era a coisa mais linda, mas aquilo pinicava a minha cabeça. Aí tinha uma menina que teve câncer com 17 anos na cidade vizinha. Eu vendi para ela, bem baratinha. Ela usava direto, ia para as festas e uma vez até mandou no salão para fazer mechas.

O seu maior pavor eram as quimioterapias vermelhas, tinha lido em algum lugar sobre elas. Certa vez a psicóloga Fernanda tranquilizou-a. Ela também lhe ajudou na fase da separação com Fabrício.

– Não pensa assim, Jô. Não precisa ter medo. Ela (quimioterapia vermelha) é a tua aliada na doença, ela é tua amiga

na doença e é ela que vai destruir a célula cancerígena do teu organismo.

Jô estava separada e com dois filhos pequenos em casa. Continuou fazendo o tratamento. Diferente das quimioterapias, as trinta e três sessões de radioterapia não causaram reações - só o pescoço que ficou um pouco escuro. O problema, afinal, era o deslocamento diário de uma hora - no verão intenso de janeiro - até Criciúma, Santa Catarina.

– Eu não tinha condições financeiras de ir de carro, então ia todo dia às seis horas da manhã com o carro da saúde. Era muito cansativo e difícil ir todos os dias para outra cidade, no calor do verão. A radioterapia só durava quinze minutos, o desgaste mesmo era o processo de ir e esperar todos os outros pacientes. Mas eu sempre tive cem por cento de fé que eu ia dar conta.

Se sofreu, foi sempre em silêncio. Ninguém a viu triste ou chorar. Era ela que distribuía força para todo mundo.

As viagens podem ter sido difíceis por um lado, mas foi no trajeto diário Sombrio-Criciúma que descobriu a profissão pela qual hoje é apaixonada. Uma menina que também realizava viagens no carro da saúde indicou um curso de maquiagem.

– Sabia que tem um curso de maquiagem no Instituto Mix? A minha mãe é secretária lá!

– Ah, que legal.

– Vamos fazer, Jô! - convidou a menina.

Jô e a irmã possuem uma ligação muito forte de apoio e fortaleza. Quando comentou sobre o curso, teve incentivo

emocional e financeiro. A irmã custeou todo o curso - que durou quase um ano.

— Comecei e me apaixonei. Quando terminei já entrei na escola como professora, dei aula dois anos. Hoje eu amo, trabalharia só com a maquiagem. É engraçado, eu não dava bola para isso, me descobri fazendo e me apaixonei. O curso me ajudou muito nesse processo, conheci muita gente legal.

Rita

Rita foi a única que não perdeu o cabelo durante o tratamento contra o câncer. Cada caso possui um tratamento diferente. Em seis sessões de quimioterapia, a cada vinte e um dias, também não teve enjojo. Tudo foi feito muito rápido e pelo Cepon. As vinte e oito radioterapias ficaram por conta do Hospital de Caridade, no Centro de Florianópolis. É o Hospital mais antigo da cidade e do Estado.

— E foi a radioterapia que me ferrou. Fazendo todo dia, bem bonitinha, e ela queimou a mama. Tive uma queimadura feia, dormi uns dez dias sentada, porque ela infeccionou, foi horrível. Usei pomada, cuidei, mas tive que continuar fazendo, porque não podia parar o tratamento.

Anos depois, quando chegou a vez do tratamento para o câncer de colo de útero, o trauma que passou com a queimadura na radioterapia ainda persistia. A quimioterapia -

se pudesse escolher - tornou-se uma opção que ela preferia como tratamento.

— Eu quero quimioterapia!!!

— Mas não é o caso de quimioterapia, Rita. - dizia o médico.

— Nãããã, radioterapia não, por favor.

Mas tinha que ser e foi. Rita fez a braquiterapia que é uma radioterapia interna.

— Se Deus for me mandar mais um câncer, porque né... A gente não sabe. Se pudesse escolher, com certeza eu escolheria uma quimioterapia. Radioterapia eu não quero nunca mais, porque a minha experiência foi péssima, foi traumática, nas duas vezes as radioterapias foram traumáticas.

Conseguir o tratamento pelo SUS foi muito importante para Rita. Quando descobriu a doença, não estava aposentada porque não pagava INSS.

— O marido trabalhava e ganhava bem, aí você não pensa que vai precisar futuramente. Nunca me passou pela cabeça essa questão de ter um futuro. Eu vivo o hoje, eu vivo para o momento. E nossa... O Cepon é maravilhoso, é de primeiro mundo. Quando você entra lá, a tua vida se desmancha. Enfermeiro, pessoal da limpeza, cozinha, médicos, portaria, tudo, tudo é de primeiro mundo.

UM SONHO TATUADO

Em alguns casos da cirurgia do câncer de mama, é possível preservar a aréola e o mamilo, mas isso depende da localização do câncer e da avaliação médica de acordo com exames de imagem. Normalmente, a reconstrução cirúrgica do complexo aréolo-mamilar é realizada na segunda etapa do processo de reconstrução mamária, de três a seis meses após a primeira etapa, mas não são todos os casos que estão aptos à reconstrução cirúrgica da mama.

Sendo assim, a técnica de reconstrução da aréola e do mamilo através da tatuagem ou da micropigmentação, uma opção ou um complemento da prótese para ressignificar a cicatriz e aproximar a cor ao tom de pele de cada pessoa. A iniciativa ajuda a recuperar a aparência dos seios.

Para a realização desse procedimento é necessário ter autorização médica. Os profissionais utilizam técnicas realistas, com variação de sombras e cores para redesenhar o mamilo e a aréola das mulheres que passaram pela mastectomia. Tatuadores e técnicos de enfermagem especializados em tatuagem paramédica costumam realizar esse trabalho.

Rosângela

— Tapa essas cicatrizes, por favor. Isso aí me irrita. - disse Rô ao tatuador.

Mesmo com a reconstrução da mama com a prótese,

faltava algo. Foi então que, há quase três anos, Rosângela resolveu fazer a reconstrução da aréola e do mamilo com micropigmentação.

Quem fez a sua reconstrução foi a técnica de enfermagem Janaína Piantino. Ela atua com a reconstrução há quase oito anos. Para mulheres que fizeram tratamento no Cepon, a profissional realiza o trabalho de forma gratuita.

Rô baixa a blusa para mostrar como ficou a reconstrução da sua aréola e do mamilo, e também um ramo de flores com corações em cima da cicatriz. São dois, cada um representa um filho.

— O que me chamou atenção é que eu ia para a hidroginástica e saía sem roupa dos banheiros da Elase (Clube Desportivo e Social, em Florianópolis), e tinham crianças que ficavam olhando. Acho que elas pensavam: meu Deus, aquela mulher ali tem um peito e o outro não. Mas não me senti mal por mim, e sim por elas, porque elas não tinham coragem de perguntar.

Brinca que não queria ficar lá assustando as crianças.

— Eu nunca tinha pensado em fazer tatuagem na vida. Na parte da cicatriz eu senti dor, mas na parte em que é feito a reconstrução da aréola e do mamilo é que não dói, porque a pele da mulher mastectomizada fica muito sensível.

Depois que fez a reconstrução, elogiaram Rô nos banheiros da Elase e ela explicou a história.

— Elas disseram: “Nossa, a gente nem nota que é micropigmentação”. Fica muito interessante, quando eu vi a pri-

meira vez eu me senti diferente, achei muito legal. Tu se sente melhor, acho que tem muita relação com a autoestima.

O médico a incentivava a fazer reconstrução cirúrgica da aréola e mamilo e aproveitar para fazer a simetria do outro seio. Rô ficou pensativa, a sua cirurgia para colocar silicone tinha a deixado muito inchada. Não desejava outro procedimento cirúrgico.

— Já fiz para colocar o seio. E se eu preciso fazer mais cirurgia? Porque eu estava precisando de cirurgia para o joelho. Pensei que seria muita anestesia para o meu corpo, não tinha necessidade disso. Daí me senti insegura e resolvi fazer a micropigmentação.

Esse ano levou um susto quando foi fazer seus exames. A doutora achou um nódulo em cima da cicatriz. Descobriram que era um nódulo de gordura. De qualquer forma, faz os exames a cada seis meses.

Eu pergunto se ela sente falta de trabalhar.

— Eu sentia muita falta no começo. Mas cansei de cobrir plantão de pessoa que faltava. Às vezes, virava vinte e quatro horas lá dentro e isso é muito complicado. Acho que acabou sendo bom, e no fundo tem que pensar na gente, porque tu não faz a falta que tu acha que vai fazer.

— E como é seu tempo livre? - perguntei.

— Eu nunca tive.

A rotina de Rô é agitada. Ocupa muito bem as suas vinte e quatro horas - que passam quase que voando. Agora é presidente do Gama - no início relutou porque cuidava

do neto, mas passou a revezar com a avó paterna - e participa quinzenalmente das reuniões. Às terças seu dia é reservado para o grupo de idosos no bairro em que mora, Pantanal, em Florianópolis.

Sempre gostou muito de festa, principalmente do Carnaval, mas ser comunicativa não era a sua melhor qualidade.

— Acho que mudei muito.

Ela nunca viajou para o exterior, tem vontade de conhecer a Suíça, país em que a tia mora.

— Eu acho que é muito difícil, mas quem sabe um dia eu vá. Outro lugar que eu tenho sonho de ir é Machu Picchu, no Peru.

Antes da minha saída, ajudo Rô a dobrar e colocar todos os lenços dentro da sacola de papelão. Ela me oferece um bolo de chocolate branco - que pegou no dia em que desmarcou o nosso primeiro encontro para ir num aniversário. E não me deixou lavar a louça.

Kaciele

— A questão da reconstrução da tatuagem é para ficar praticamente igual, porque querendo ou não, é uma parte que fica faltando no seio.

Eu acompanhei a segunda reconstrução da aréola e do mamilo da Kaci. Quem realizou e nos apresentou foi o tatuador Yurgan Barret. A primeira foi com a Janaína Piantino.

Não lembra ao certo, mas acha que ficou sabendo da tatuagem pelo oncologista ou em algum programa de televisão.

– Cheguei a marcar uma consulta em SP, não sabia que tinha aqui, aí me falaram da Jana, mas como eu fiz ano passado, deu uma clareada na cor. Alguém me marcou no instagram para fazer com o Yurgan e eu fui lá e fiz de novo.

A tatuagem mudou totalmente a sua autoestima. Repete isso diversas vezes.

– Agora está praticamente igual, sabe? Eu fiz só um lado e ele fez um retoque da aréola do outro, muda total a autoestima. Sempre faltava alguma coisa.

Com toda a sua jovialidade, começou a viajar bastante depois do câncer de mama.

– No período da doença você pensa que poderia ter viajado mais. Daí comecei a viajar, agora vou pegar férias e já penso em ir para o Peru. E vou sozinha.

Com o término do tratamento já fez três viagens. A última foi para o Chile. A dúvida às vezes vem à cabeça: comprar um apartamento ou viajar?

– Mas ainda tô optando por viajar.

Lilia

– Achei que era tu que ia fazer a minha reconstrução com tatuagem - relembra (constrangida) o erro de comunicação

no início do nosso encontro.

Liberada pela médica, empolga-se com a possibilidade de ter o mamilo e a aréola feitas com a tatuagem.

– Quem não gosta de ficar bonita, né? Acho que vai ajudar até no meu relacionamento com o marido, tudo empolga.

Admite que sente um pouquinho de vergonha do marido, mas nem tanta, porque era ele - sendo da área da saúde - quem fazia os seus curativos.

É sincera quanto à sua vaidade - ou a vaidade que não teve. O maior objetivo era criar o filho e estar viva. Achou estranho quando olhou o seio sem o mamilo e a aréola, depois foi se habituando.

– Não tive muito esse tempo de focar na aparência, na beleza, tanto que perder o cabelo pra mim não foi tão doloroso. Eu fiz graduação de Educação Física, claro que a gente quer melhorar e tudo, mas eu consegui manter uma autoestima boa. Em relação a ele (marido) não sei né, alguma coisa sempre muda, porque a gente não está mais tão bonita, mas estamos aí né...

Depois de curada, entrou para o coral *Vozes de Santa Catarina*. Nunca tinha passado pela sua cabeça e agora já faz um ano que está cantando, e não é só no chuveiro, como sempre fez. Aprendeu a pintar telas e até fez algumas para a sua própria casa.

– Não sou muito cantora, mas pra mim é uma terapia, parece que lava a minha alma. É lindo. Agora eu tô num curso em artes aplicadas (mostra uma bolsa que fez - a sua

primeira peça do curso), tu costura e aprende a fazer os projetinhos também. Ah, eu tô adorando!

A vida continua agitada. Além das atividades que faz, ainda tem o filho, a casa e a mãe que sempre leva ao médico.

— Amém. Vida tem que ter movimento, se ficar só focado pensando bobagem, não dá. Temos que seguir em frente. E eu queria um bebê, veio a doença e agora ele já tem 16 anos. Eu tenho só que agradecer, porque tantas amigas já tiveram outros problemas de saúde depois de mim. Hoje eu me sinto assim, claro que quando vem o problema você se sente fraca, mas daqui a pouco tu se sente mais forte pra continuar lutando. Acho que a gente vai se fortalecendo e aceitando as coisas da vida, tem até uma música né.

Ela pega o celular e dá *play* na música *Tocando em Frente*, de Almir Sater e Renato Teixeira. Sabia a letra inteira.

*“Ando devagar, porque já tive pressa
E levo esse sorriso, porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe?
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei
E nada sei.”*

— A vida é uma marcha, tu vai marchando e não tem muito controle sobre ela. Eu acho que o câncer é uma luta, uma luta constante a cada dia.

Pergunto se tem alguma coisa que ela gostaria de fazer, mas que sente medo. Com os braços apoiados na

mesa, esconde o rosto e ri. Não responde. Eu insisto.

— Tem horas que dá vontade de largar tudo e ir embora, já pensasse que coisa boa? Tu não tem vontade? - pergunta e depois solta um riso frouxo.

Um dos sonhos era conhecer Buenos Aires, e realizou esse desejo em 2018 com o marido. Pagaram em tantas vezes que nem sabe dizer quantas parcelas foram. Ao menos conseguiu assistir sua paixão: as danças de tango.

— Vê se vai se desligando de tudo isso que você ouviu. Não fica presa a essas histórias tristes. - pediu na despedida.

— Não consigo, já são parte da minha vida. - respondi.

Cristiane

— Não lembro bem o ano que eu fiz a tatuagem, mas ai... Ficava uma coisa lisa, sem nada, faltava alguma coisa. Quando eu olhava me incomodava! O meu maiô era abertinho e eu cheguei a costurar para não mostrar a cicatriz.

No dia da reconstrução com tatuagem, foram ela e a sobrinha rumo à Palhoça, parte da região metropolitana de Florianópolis. Nem se desejasse conseguiria esquecer a primeira vez em que se olhou no espelho depois da reconstrução com a tatuagem.

— Foi maravilhoso quando me olhei no espelho pela primeira vez, foi perfeito, perfeito mesmo. Minha autoestima mudou. Eu amei. Tem muita relação com a autoestima, fica

muito bom, meu Deus do céu!!! Foi maravilhoso. Foi maravilhoso quando já me vi de seio.

Cristiane não pôde fazer a reconstrução da aréola e do mamilo cirúrgica devido a gravidez. Mas depois descobriu a reconstrução com tatuagem no Gama. Conheceu a profissional Mirella na *Amor e União Contra o Câncer* (Amucc).

– A mãe da Mirella teve câncer de mama, e tem um dia da semana que ela faz de graça, não é só no Outubro Rosa, não. Ela não me cobrou nada. Eu ia fazer a reconstrução com plástica, mas daí o inusitado foi que eu estava grávida, então optei por fazer o mamilo e a aréola com a tatuagem.

O filho a interrompe e fala orgulhoso: “Eu sou o mascote do Gama”. Em todos os eventos que reúne as mulheres que tiveram ou têm câncer de mama, o Pedro está lá. Nas caminhadas do Outubro Rosa também. O seu aniversário de um ano foi no Cepon, e o que não faltou foram presentes que ganhou da mulherada.

Em 2018, o tatuador que chamam de “Tuca”, e que fez todas as tatuagens do filho mais velho, Leonardo, reacendeu as cores da reconstrução de Cris.

– Ele nunca tinha feito, mas como ele ia fazer pra mim uma tatuagem com flores em volta da cicatriz, já aproveitei para reacender a da aréola e do mamilo. Não me cobrou nada, fez de graça. É muito bom pra autoestima, porque agora eu olho no espelho e vejo a tatuagem e dá vida ao seio! Dá vida, mesmo! Antes era uma tela em branco, depois que coloquei a tatuagem, era o meu seio.

No dia 7 de novembro - depois que nos encontramos - Cris realizou um sonho: fez a sua primeira viagem para fora do país. Ela ficou seis dias em Buenos Aires com as amigas do Gama.

Joana

A falta da aréola e do mamilo não era uma coisa que incomodava muito a Jô. Ficou sem por seis anos. Ficar sem a prótese teria sido pior para ela. Só foi atrás porque o mastologista a incentivava e passou o número de uma profissional.

– Eu liguei, mas ela não tinha muita opção de agenda, depois tentei com uma em Itajaí, mas os horários também eram ruins. Desisti. Mas dia desses eu estava na loja e a minha amiga me mostrou no celular: “Olha só que legal, Jô!”.

A reconstrução com tatuagem do mamilo e da aréola de Jô foi com o Yurgan, o mesmo profissional que fez a de Kaci.

– Me apaixonei por ele e pela esposa, que pessoas mais queridas! A esposa dele me explicou tudo. Perguntei por que ele veio do Rio de Janeiro para fazer esse trabalho, e ela disse que a avó de Yurgan também teve câncer. Eu pensei: quer saber? Eu vou! Não tenho nada a perder mesmo.

No dia a ansiedade gritava dentro de Jô. Em nenhum momento sentiu-se constrangida. Muito menos dor, tanto pela pomada que ele passou, quanto pela falta de sensibilidade que ela tem naquela região. Se antes não

importava-se em não ter a aréola e o mamilo, hoje faz toda a diferença.

– Eu não esperava que ficasse desse jeito, até porque eu nunca tinha visto muito. Eu achei muito legal, ficou da cor do meu. Nossa, o cara é muito profissional, e que trabalho lindo, né? Eu fiquei apaixonada. Quando vou me trocar no espelho, já é bem diferente. É muito legal. Quando ia me trocar antes ficava um pouco estranho um com e o outro sem.

Jamais trabalharia como fez no passado. Sente que esqueceu-se de si mesma. As coisas mudaram: trabalha no shopping a semana inteira e ainda consegue investir na profissão que mais ama como maquiadora.

– Eu acho que a doença foi um choque de realidade da forma que eu vivia, hoje sou uma pessoa muito mais tranquila e mais forte. Tudo passa, e eu sempre falo isso.

Os olhos ficam marejados. Essa frase aprendeu com uma amiga querida. Fica pensativa e faz algumas pausas enquanto relembra o momento em que ouviu a frase pela primeira vez.

– Ela (amiga) olhou bem no fundo dos meus olhos e disse: “Tudo passa, e vai passar. E depois que passar tu vai olhar para trás e vai ver o quanto Deus te deu força e que tu é uma vencedora”. E eu coloquei isso na minha cabeça, eu repetia muito essa frase. E eu me agarrei nisso.

Tomou por cinco anos a medicação para o câncer e esse ano recebeu uma ótima notícia: ganhou alta do mastologista. Só precisa acompanhar o oncologista a cada seis meses.

– As vezes que eu parei, pensei - faz uma pausa e retoma a fala - olha tudo que eu passei, como que eu consegui? Como que eu consegui passar por isso?

Rita

– Como a minha pele é aderida à costela, não tem nem como fazer a reconstrução da aréola e do mamilo com a tatuagem ou a micropigmentação. E acho que também não faria, porque sabe... Se eu puder evitar é melhor pra mim.

Rita mantém sua opinião fortíssima sobre a distância de qualquer procedimento, seja ele cirúrgico ou não. Acha um trabalho bonito, mas não a interessa em sua totalidade.

– Eu tenho uma cabeça muito boa em relação a tudo.

Está preparada para uma recidiva. Não espera que tenha, mas tampouco sente medo se ela tiver que vir.

– Peço que Deus não me deixe passar por isso de novo, mas eu estou preparada. Se ele quiser mandar mais um para me testar, porque ele já me testou de tudo que é jeito, eu estou pronta. Mas acho que já deu né, às vezes eu bato papo com Ele e digo para Ele quebrar esse galho.

Católica apostólica romana praticante, não é fanática, mas não perde a missa às quintas e aos domingos. Depois do câncer, fez trabalho voluntário na igreja para agradecer a Deus pela vida. Queria ter sido catequista, mas o destinou a colo-

cou doze anos como coordenadora da Ação Social da igreja, trabalhando com famílias da Comunidade Chico Mendes, em Florianópolis.

Tempo livre não tem.

— Meu marido é que diz: “Você só arranja coisa, que horas você vai estar em casa hoje?”

Faz parte do grupo Gama. Terças e quintas estão dedicados à dança e quarta divide as horas com a Velha Guarda da Consulado do Samba e o coral *Vozes que não calam*, projeto da Prefeitura de Florianópolis com a Guarda Municipal.

— Eu sei sambar muuuuito! - declara confiante.

Rita também nunca tinha ido ao exterior. Junto com a Cris e outras amigas do Gama, no dia 7 de novembro, pegaram o voo rumo a Buenos Aires.

— Eu agradeço o câncer, se não fosse a doença eu não teria conhecido o Gama, aquela família toda, não conheceria o Cepon, não conheceria a dança rosa. Então a gente tem que dar graças a Deus, não tem que só odiar e reclamar. Saio em jornal, apareço em TV. Ó, a Rede Globo tá me perdendo! - brinca.

Era um dia ensolarado e frio de julho quando me encontrei com o tatuador Yurgan Barret. Ele é carioca, mas estava de passagem em Florianópolis para a 3ª Edição do Y Rosa, projeto idealizado para atender gratuitamente mulheres que desejam redesenhar a aréola e o mamilo, após a cirurgia do câncer de mama.

Cada profissional tem a sua própria motivação e para Yurgan não é diferente. A sua avó faleceu de câncer de mama quando tinha apenas quatro anos, e esse é um dos motivos pelo qual realiza os redesenhos gratuitamente.

Yurgan e a esposa Anne me receberam carinhosamente num salão de beleza que apoiou o projeto e disponibilizou o espaço - cedido por um amigo de longa data. O ambiente cria um sentimento de aconchego logo na entrada, cheio de vasos de plantas, com as paredes cinzas e decorações em madeira. Todos os funcionários do salão vestem preto, desde a camiseta aos sapatos.

E foi na sala que é utilizada para o dia da noiva que o tatuador realizou as reconstruções da aréola e do mamilo com tatuagem. Espelhos grandes, flores, banheira, tapete felpudo marrom e sofá de um bege claro compuseram o ambiente, que possui todas as coisas organizadas em seus devidos lugares. É a mesma sala na qual realizou o procedimento de Kaciele.

Havia passado da uma hora da tarde quando a nossa conversa (sobre a sua história como tatuador) terminou. Yurgan e Anne me convidam para ir almoçar com eles - que ainda

não haviam comido nada. Enquanto eu comia uma torta de bolacha e eles almoçavam - num restaurante próximo ao salão -, os três se emocionaram com as conversas e histórias de mulheres com câncer de mama que surgiram à mesa.

Voltamos. E da maneira mais gentil possível, ele permite que eu fique na sala para ver a reconstrução com tatuagem da próxima cliente (caso ela também estivesse de acordo). Era Kaci. Ela permitiu que eu participasse daquele momento. Quando cheguei, deixei que os dois conversassem primeiro - sem querer me intrometer naquele momento íntimo - já que Yurgan busca sempre conversar e conhecer a história das suas clientes antes do redesenho. A primeira coisa que ela pede é o carregador de celular, porque está com apenas um por cento de bateria.

E demonstrando (mais uma vez) a sua personalidade desinibida, Kaci foi logo tirando a sua blusa azul, sem qualquer constrangimento com a minha presença e a do tatuador. Naquele mês, ela ainda não havia colocado a prótese de silicone, isso só aconteceu alguns meses depois, semanas antes do nosso segundo encontro.

Numa tentativa de conhecer quem estava fazendo a sua reconstrução, Kaci puxa um diálogo - muito natural para a mulher comunicativa que é - enquanto o anestésico local faz efeito.

- Você tatua há quanto tempo?
- Eu comecei com 17 e hoje estou com 39 anos.
- Caramba! E como começou a tatuar? Porque sempre

tem que ter um louco pra aceitar, né?! - solta uma gargalhada.

— Eu já desenhava desde pequeno, sempre gostei. Estava indo pra casa e um dia encontrei um amigo no ponto de ônibus e ele começou a contar sobre o equipamento de tatuagem que havia comprado. Entendi como funcionavam as máquinas e depois tatuei em mim mesmo. Fiz uma tattoo no tornozelo, toda preta e pintei cada parte com uma agulha diferente para ver como funcionava. Aprendi e comecei a tatuar.

Enquanto ainda esperávamos o anestésico fazer efeito, a conversa fluía naturalmente. Conversamos sobre sentir dores durante as tatuagens, quais sabonetes usar após o desenho na pele, a fase *hippie* de Anne e a as viagens aventureiras que Kaci começou a fazer depois do tratamento contra o câncer. O lugar que ela mais gostou foi a Disney, em Orlando: o mesmo lugar em que Yurgan pediu Anne em casamento (com direito a usar o chapéu do Mickey).

O barulhinho característico da máquina de tatuagem não atrapalha a conversa das três mulheres que estão na sala. Yurgan está concentrado, mas também participa. Para chegar no tom de pele mais próximo possível de Kaci, mistura algumas tonalidades de cores. Essas cores podem - surpreendentemente - variar em tons de azul, verde, vermelho e branco.

Conciliando a falta de sensibilidade das mulheres na região da mama após a cirurgia e o anestésico, o alívio pode chegar a ser sessenta por cento menor do que o normal. E não é que fez efeito?

Kaci realmente surpreendeu-se com o fato de não ter sen-

tido absolutamente nenhuma dor. Eu não conseguiria contar nos dez dedos das mãos quantas vezes ela repetiu com felicidade e exaltação: “Caramba!!!”. E soltava muitas gargalhadas.

Para mim, foi a perfeição do desenho. Eu já tinha visto fotos e vídeos de algumas reconstruções com tatuagem ou micropigmentação, mas nada comparado ao que presenciei naquele dia. O desenho realista de Yurgan, afinal, realmente cumpria com seu papel. Antes Kaci dizia: sempre faltava alguma coisa.

Agora não falta mais.

